



Universidade Federal de Santa Catarina
Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção

**RESPONSABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO
DE AÇÃO COMUNITÁRIA DA ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA
DE ENSINO SENHOR BOM JESUS**

Dissertação de Mestrado

Vanilda Galvão Bovo

FLORIANÓPOLIS

2002

Vanilda Galvão Bovo

**RESPONSABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO
DE AÇÃO COMUNITÁRIA DA ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA
DE ENSINO SENHOR BOM JESUS**

Dissertação apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina como requisito parcial para obtenção do título de Mestre em Engenharia de Produção, Área de Concentração: Mídia em Conhecimento.

Orientadora: Prof.^a Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho, Dr.^a

Florianópolis, dezembro 2002

VANILDA GALVÃO BOVO

**RESPONSABILIDADE SOCIAL: ESTUDO DE CASO DO NÚCLEO
DE AÇÃO COMUNITÁRIA DA ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA
DE ENSINO SENHOR BOM JESUS**

Esta dissertação foi julgada adequada para obtenção do Título de Mestre em Engenharia de Produção, área de concentração: Mídia e Conhecimento, aprovada em sua forma final pelo programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção da Universidade Federal de Santa Catarina.

Florianópolis, 17 de dezembro de 2002

Prof. Dr. Edson Pacheco Paladini

Coordenador

BANCA EXAMINADORA:

Prof.^a Christianne Coelho de Souza Reinisch Coelho, Dr.^a

Orientadora

Prof. Francisco Antônio Pereira Fialho, Dr.

Prof.^a Elaine Ferreira, Dr.^a

Prof.^a Lucilia Panisset. Travassos, M. Eng.

Dedico a todas as pessoas que, com Amor Universal, Verdade e Determinação, contribuem para um mundo mais humano, justo e fraterno.

E aos meus filhos, na esperança de ter deixado uma pequena luz para seus caminhos de transformação.

AGRADECIMENTOS

A Deus, que na sua infinita bondade iluminou minha caminhada e me deu forças para esta realização.

A todos aqueles que participam dos projetos do NAC como profissionais, voluntários e alunos.

Aos colegas do NAC que, com paciência e carinho, estiveram ao meu lado durante todo este percurso.

À minha querida Professora Christianne Coelho que, com amor e competência, me orientou neste trabalho.

À minha querida cunhada, Professora Regina Maria Fraletti Holtz Galvão, pela colaboração prestada durante o curso.

Às grandes amigas e colegas, Tânia Brandt e Akemi Murakami, pelo apoio e incentivo.

Aos meus filhos, principalmente à Gabriela, que, com imensa responsabilidade, soube lidar com a minha ausência.

À Luciana, minha nora querida, pelo incentivo e a valiosa contribuição técnica.

À Elci, minha querida terapeuta, pelo profissionalismo e espiritualidade com que me conduziu.

À Irmã Rosa da Veiga, pela amizade sincera transformada em fervorosas orações.

Ao meu cãozinho Lion, que me fez companhia todas as noites enquanto eu produzia meus trabalhos.

A todos vocês, tão especiais, mais uma vez, muito obrigada!

SUMÁRIO

LISTA DE FIGURAS	x
LISTA DE GRÁFICOS	xi
LISTA DE TABELAS	xii
RESUMO	xiii
ABSTRACT	xiv
1 INTRODUÇÃO	1
1.1 Formulação do Problema	4
1.2 Objetivos Geral e Específicos	5
1.2.1 Objetivo geral	5
1.2.2 Objetivos específicos	5
1.3 Justificativa	5
1.4 Relevância	7
1.5 Limitação	8
1.6 Origem do Trabalho	9
1.7 Descrição dos Capítulos	9
2 AÇÃO SOCIAL	11
2.1 A Ação dos Indivíduos	13
2.2 A Ação Social	14
2.2.1 O poder da transformação por parte das pessoas	17
2.2.2 Ação coletiva	21
2.2.3 Iniciativas de movimentos sociais	24
3 RESPONSABILIDADE SOCIAL	29
3.1 A Responsabilidade Social nas Organizações	29
3.2 O Terceiro Setor	31
3.3 O Voluntariado	32
3.3.1 O voluntário	34
3.4 As Parcerias	35
4 CAMPO DE APLICAÇÃO: NÚCLEO DE AÇÃO COMUNITÁRIA BOM JESUS	38
4.1 Núcleo de Ação Comunitária - NAC	44
4.2 Atividades Técnicas e Didáticos-pedagógica	44

4.2.1	Projetos sócioeducativos	48
4.2.2	Projetos de ação comunitária	51
4.2.3	Área de atuação do NAC	62
5	ASPECTOS METODOLÓGICOS	65
5.1	Caracterização da Amostra de Estudo	66
5.1.1	Proalfa.....	66
5.1.2	Meio ambiente	67
5.2	Coleta de Dados	67
5.2.1	Instrumentos de coleta de dados	67
5.2.2	Pesquisadores	68
5.3	Análise dos Dados	68
6	APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS	69
6.1	Colaboradores	69
6.1.1	Caracterização da amostra	69
6.1.2	Tipos de motivação	72
6.1.3	Alterações comportamentais	73
6.1.4	Mudança na vida dos beneficiados.....	74
6.2	Proalfa	75
6.2.1	Caracterização da amostra	75
6.2.2	Sentimentos por iniciar ou retomar a escolarização	76
6.2.3	As mudanças na vida pessoal	77
6.2.4	A periodicidade	79
6.2.5	A acolhida pelos profissionais do NAC	80
6.3	Projeto de Educação Ambiental	80
6.3.1	Tipos de sentimentos	81
6.3.2	Elementos motivacionais	82
6.3.3	Mudanças de atitudes.....	83
6.3.4	A acolhida pelos profissionais do NAC	84
7	CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES	86
7.1	Recomendações	88
7.2	Sugestões para Trabalhos Futuros	90
	REFERÊNCIAS	91

APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIOS AOS COLABORADORES E ALUNOS	
ATUANTES NOS PROJETOS DO NAC	96
APÊNDICE 2 - TERMO DE ADESÃO A EXERCÍCIO DE SERVIÇO	
VOLUNTÁRIO	106

LISTA DE FIGURAS

1	ESTRUTURA MATRICIAL DA ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SENHOR BOM JESUS	45
2	ESTRUTURA MATRICIAL – NÚCLEO DE AÇÃO COMUNITÁRIA (NAC).....	46
3	ÁREA GEOGRÁFICA DE ATUAÇÃO DO NAC – BAIRROS DE CURITIBA	64

LISTA DE GRÁFICOS

1	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO	71
2	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS.....	71
3	MOTIVOS QUE INCENTIVARAM OS COLABORADORES A PARTICIPAREM DOS PROJETOS.....	72
4	RESULTADOS REFERENTES A MUDANÇA NA VIDA PESSOAL DOS COLABORADORES	73
5	MUDANÇA NA VIDA PESSOAL DOS ALUNOS, OBSERVADAS PELOS COLABORADORES	74
6	ENTREVISTA CONCEDIDA PELOS ALUNOS NA FAIXA ETÁRIA DE 18 A 65 ANOS	75
7	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO	76
8	MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTOS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO PROALFA.....	77
9	FATORES QUE MUDARAM A VIDA PESSOAL DOS ALUNOS DO PROALFA.....	78
10	PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS JUNTO AO PROALFA:	79
11	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO	80
12	TIPOS DE SENTIMENTOS QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DO PEA.....	81
13	TIPOS DE MOTIVAÇÃO QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DOS PROJETOS DO NAC.....	83
14	TIPOS DE MOTIVAÇÃO QUE MUDARAM A VIDA DO ALUNOS DO PEA.....	83
15	SENTIMENTO DEMONSTRADO PELOS ALUNOS DO PEA EM RELAÇÃO A ACOLHIDA.....	84

LISTA DE TABELAS

1	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO.....	70
2	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS.....	71
3	ITENS QUE MOTIVARAM OS COLABORADORES A PARTICIPAREM DOS PROJETOS	72
4	RESULTADOS REFERENTES A MUDANÇA NA VIDA PESSOAL DOS COLABORADORES	73
5	MUDANÇA NA VIDA PESSOAL DOS ALUNOS, OBSERVADAS PELOS COLABORADORES	74
6	ENTREVISTA CONCEDIDA PELOS ALUNOS NA FAIXA ETÁRIA DE 18 A 65 ANOS	75
7	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO.....	76
8 -	MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTOS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO PROALFA	77
9 -	FATORES QUE MUDARAM A VIDA PESSOAL DOS ALUNOS DO PROALFA.....	78
10	PERÍODO DE PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS JUNTO AO PROALFA:.....	79
11	DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA POR SEXO.....	80
12	TIPOS DE SENTIMENTOS QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DO PEA.....	81
13	TIPOS DE MOTIVAÇÃO QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DOS PROJETOS DO NAC.....	82
14	TIPOS DE MOTIVAÇÃO QUE MUDARAM A VIDA DO ALUNOS DO PEA	83
15	SENTIMENTO DEMONSTRADO PELOS ALUNOS DO PEA EM RELAÇÃO A ACOLHIDA	84

RESUMO

BOVO, Vanilda Galvão. **Responsabilidade social**: estudo de caso do Núcleo de Ação Comunitária da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. Florianópolis, 2002. 121f. (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC.

O presente estudo pretende mostrar como uma Instituição educacional de origem católica, a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus (AFESBJ), consegue aproximar educação à filosofia de São Francisco de Assis, que oferece fundamentação para uma ação de responsabilidade social mais efetiva, preocupando-se com as mudanças na ordem econômica mundial, induzidas pela globalização e pelo desenvolvimento em ritmo acelerado das tecnologias da informação e comunicação. Para isso apresenta-se como estudo de caso o Núcleo de Ação Comunitária (NAC), sendo demonstrado como esse núcleo está contribuindo para que a AFESBJ desperte o espírito humanitário em seus alunos e colaboradores, de modo a torná-los agentes de responsabilidade social, em função da consolidação de uma sociedade mais justa e solidária. O enfoque do estudo refere-se à apresentação de projetos desenvolvidos, às redes estabelecidas entre o NAC e os agentes internos da instituição, e as organizações governamentais e não governamentais. Apontam-se os eixos norteadores para a sustentabilidade dos projetos sociais do NAC, interpretando-os a partir dos principais pressupostos que caracterizam o terceiro setor e a responsabilidade social. Relaciona-se o conceito de responsabilidade social da instituição com a filosofia franciscana, descrevendo as ações educativas que possibilitam aos envolvidos uma consciência ética-política e a promoção humana. Apresenta-se, também, uma pesquisa realizada com os vários agentes que participam dos projetos do NAC, procurando identificar as mudanças pessoais e sociais decorrentes da participação e o compromisso com os projetos desenvolvidos.

Palavras-chave: Instituição educacional; responsabilidade social; terceiro setor; promoção humana.

ABSTRACT

BOVO, Vanilda Galvão. **Responsabilidade social**: estudo de caso do Núcleo de Ação Comunitária da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. Florianópolis, 2002. 121f. (Mestrado em Engenharia de Produção - área de concentração: Mídia e Conhecimento) - Programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, UFSC.

The present study aims at showing how an educational institution of Catholic origin, the Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus (AFESBJ), succeeded at approach high education to St. Francis of Assisi's philosophy, one that offers fundamentals for a more effective action of social responsibility; concerning changes in the world-wide economic order induced by globalization and the development in the sped up rhythm of information and communication technologies. The Nucleus of Communal Action (NAC) is presented as a case study, demonstrating how this nucleus contributes so that the AFESBJ raises humanitarian spirit in its pupils and collaborator, in order to transform them in agents of the social responsibility for the consolidation of a society more just and plentiful of solidarity. The study focuses on the presentation of the developed projects; the nets established among NAC and its internal agents, governmental and non-governmental organizations. It points the axels towards the sustentability of NAC social projects, interpreting them from the main principles that characterize the third sector and the social responsibility. It relates the institutional concept of social responsibility to the Franciscan philosophy and describes the educative actions that make it possible to involve ones having an ethical-political consciousness and the promotion of human beings. It is also presented as a research carried out with the various agents that take part in NAC projects, willing to identify personal and social changes occurred by means of participation and the commitment to the developed projects.

Key words: educational institution; social responsibility; third sector; development growth.

1 INTRODUÇÃO

"Engaje toda a empresa no processo de realizar transformação. A transformação é da competência de todo mundo". (DEMING).

Embora o Brasil esteja entre as dez maiores economias do mundo, apresenta crescente injustiça social e concentração de renda.

A cada dia as regiões metropolitanas e a periferia das grandes cidades recebem mais migrantes das zonas rurais e das cidades do interior fazendo com que grande parte da população habite as áreas urbanas. Essas regiões sem infra-estrutura adequada vivem, hoje, os grandes problemas sociais: falta de saúde, moradia, desemprego, educação, miséria e marginalidade. Isso acontece por falta de vontade política, por se ter uma visão imediatista, particularizada, de curto prazo, para a solução de problemas brasileiros e pelo individualismo das organizações e da sociedade civil que ainda não contribuem o necessário para a efetivação dessas mudanças.

O mercado, por sua vez, tem a marca da competitividade e, em consequência, também gera a exclusão. Essa exclusão social é uma herança que nos acompanha há muitos séculos e atinge às pessoas que são menos preparadas, por não terem acesso ao conhecimento e à tecnologia, e, na maioria das vezes, por se encontrarem destituídas dos direitos básicos da sobrevivência.

De acordo com a Declaração Universal dos Direitos Humanos apud Dallari (1998), artigo 1, (1948), "todos os seres humanos nascem livres e iguais em dignidade e direitos. São dotados de razão e consciência e devem agir em relação uns aos outros com espírito de fraternidade".

Nesse contexto, as organizações, principalmente as educacionais, não podem ficar a distantes desses fatos, sem chamarem também para si a responsabilidade social. Sabe-se, hoje, que eliminar desigualdades é dever de todos.

As organizações precisam reagir, acompanhando efetivamente as mudanças desafiadoras que atualmente a sociedade do conhecimento lhes impõe. Tais

organizações têm grandes oportunidades de interferir positivamente no processo de mudança social, oferecendo à sociedade outros referenciais de valor, valores esses que partem do cultural, passando pelo moral, ético, familiar e até econômico.

Torna-se premente a promoção de formas de atuação que indiquem sua disposição para contribuir com o desenvolvimento social. A partir dessas iniciativas as empresas podem valer-se da experiência e da capacidade operacional e técnica das entidades do Terceiro Setor, assim como despertar o espírito humanitário em seus próprios colaboradores, tornando-os agentes da responsabilidade social.

A partir da mudança do comportamento organizacional pode-se promover mudanças sociais no sentido de contribuir com o processo da construção de uma sociedade mais justa, humana e fraterna.

Neste novo tempo, é preciso estar muito atento e compreender o panorama que se apresenta e, mais ainda, ser capaz de desenvolver habilidades para responder às exigências emergentes, bem como para formular conceitos e estabelecer paradigmas e referências para este mundo.

Cada vez mais, nesse contexto as atividades laborais exigirão conhecimento e capacidade intelectual, visto que os fatores tradicionais de produção – capital, trabalho e recursos, se encontram com um peso bem menor no processo produtivo. O conhecimento se torna, portanto, o fator diferenciador e básico da economia.

Pode-se dizer da presença de sinais de esperança em termos de possíveis mudanças da realidade no que diz respeito ao investimento no capital humano.

Investir no capital humano pressupõe a valorização, o desenvolvimento e a recompensa aos colaboradores de uma organização.

Entretanto, mesmo com essa grande preocupação da base do desenvolvimento que é a educação, sente-se à necessidade de mudança no papel das organizações, principalmente das instituições educacionais, para que acompanhem as transformações que estão acontecendo no mundo contemporâneo.

As mudanças na ordem econômica mundial, induzidas pela globalização e pelo desenvolvimento, em ritmo acelerado, das tecnologias da informação e da comunicação, geram mudanças em todos os níveis e esferas da sociedade, e segundo Belloni, citado por Coelho (2002), criou-se "novos estilos de vida, de consumo, novas maneiras de ver o mundo e de aprender". (BELLONI, 1999, p.3).

Partindo dessa afirmação, implica em dizer que evoluir e progredir na sociedade e nas organizações de hoje é uma condição natural do homem como forma de viabilizar o potencial necessário para a criação de melhores condições de vida no seu meio ambiente.

Ao abordar o universo organizacional a partir da metáfora da cultura, explora-se a idéia de que a organização é, em si mesma, um fenômeno cultural que varia de acordo com o estágio de desenvolvimento da sociedade, varia de uma sociedade para outra, e de como nessa sociedade desenvolvem-se e são mantidos padrões de cultura corporativa e de subcultura, enfim, de como as organizações são realidades socialmente construídas. (MORGAN, 1996).

A organização é entendida como uma estrutura social, ou seja, como um sistema onde existem os grupos de agentes que interagem, segundo os padrões de comportamento, no sentido do respeito-mútuo.

Segundo Blau e Scott (1970), no conceito de organização como estrutura social destacam-se as relações sociais de um grupo e as crenças e valores que compartilham e que orientam as suas ações, como as raízes dos sistemas informais, que estão cravadas na própria organização formal, e que nutrem-se da formalidade de seus arranjos. Afirmam, ainda, que os valores, as crenças e as normas que são compartilhados pelos agentes do grupo definem a cultura da organização.

A instituição educacional como organização social deve estar inserida no contexto do mundo moderno. Tem por função precípua a formação de seus colaboradores e alunos, principalmente nas dimensões ativa, criadora e renovadora, fazendo com que eles sejam capazes de modificar seu agir pessoal e social,

permitindo-lhes sair de uma posição de alienação e passividade, rumo à construção de uma sociedade mais justa e fraterna. Nesse sentido, não se pode mais conceber um projeto de educação que não esteja voltado para os aspectos sociais, morais, éticos, espirituais e afetivos dos sujeitos envolvidos na praxis educativa.

A partir daí, verifica-se que muitas propostas educacionais têm sido repensadas e reelaboradas, sobretudo as originárias de instituições que investem na formação integral do ser humano.

Sob essa perspectiva pode-se verificar que projetos ou campanhas aparentemente emergenciais, interventivas, dentro das instituições educacionais, têm principalmente, uma função educativa, sendo então um caminho ou mesmo até um incentivo para o processo de transformação.

No presente estudo, esse processo de transformação acontece como parte integrante de uma Instituição educacional, de origem Católica, onde busca-se a aproximação da educação à filosofia de São Francisco de Assis, objetivando a fundamentação para uma ação de responsabilidade social mais efetiva.

1.1 Formulação do Problema

A Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus é uma instituição educacional que procura formar seres humanos sensíveis, responsáveis, pesquisadores, autônomos e críticos com relação à realidade socioeconômica da sociedade.

Assim sendo, o tema desta pesquisa é responsabilidade social e a pergunta da pesquisa é: “Como o Núcleo de Ação Comunitária (NAC) contribui para que a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus desperte o espírito humanitário em seus alunos e colaboradores, professores e alunos de modo a torná-los agentes da responsabilidade social, em função da consolidação de uma sociedade mais justa e solidária?”

1.2 Objetivos Geral e Específicos

1.2.1 Objetivo geral

Descrever a contribuição do Núcleo de Ação Comunitária de uma instituição educacional confessional particular, no sentido de identificar como os projetos em desenvolvimento despertam, nos alunos e colaboradores da instituição pesquisada responsabilidade social com espírito humanitário.

1.2.2 Objetivos específicos

- Apresentar os projetos desenvolvidos pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, por meio do NAC.
- Interpretar os principais pressupostos que caracterizam a ação social do terceiro setor e a responsabilidade social.
- Relacionar o conceito de responsabilidade social de uma instituição com filosofia franciscana.
- Descrever as ações educativas que possibilitam aos envolvidos desenvolver uma consciência ético-política e a promoção humana.
- Identificar as alterações comportamentais ocorridas mediante a participação e o compromisso com os projetos do NAC.
- Indicar as redes de parceria estabelecidas entre o NAC, agentes internos e externos.
- Apontar os eixos norteadores para a sustentabilidade dos projetos sociais do NAC.

1.3 Justificativa

Em decorrência das rápidas e profundas mudanças que vêm ocorrendo em todos os segmentos da sociedade, delinea-se, em escala mundial, uma nova economia cujas centralidades estão no trabalho, na informação, no conhecimento,

na tecnologia e em suas aplicações, em um ciclo cumulativo e inovador, caracterizando-se, assim, um mundo que caminha para uma nova realidade.

Devido essa necessidade, uma das maiores preocupações do trabalho social e comunitário é desenvolver ações que possibilitem, a cada uma das comunidades, melhorar a qualidade de vida de seus cidadãos.

Cada vez mais os indivíduos e as organizações têm se preocupado com os papéis que desempenham no centro do processo de mudança, participando mais ativamente na construção de uma nova proposta mais comprometida e mais responsável, sendo referência para novos padrões da sociedade moderna.

Vale destacar que as organizações, de modo geral, serão consideradas cada vez mais um "locus" de prestação de serviços do conhecimento, isto é, como aquelas que dão conta de criar, preservar, integrar, transmitir e aplicar, na sociedade, aquilo que delas vem sendo exigido.

Assim sendo a comunidade educacional também se constitui em um excelente espaço para a busca de ações que visem ao despertar, em seus alunos e colaboradores, a responsabilidade social, de modo a contribuir com projetos sociais voltados ao atendimento das necessidades e aspirações de milhões de pessoas que, de alguma forma, foram excluídas ou não foram adequadamente atendidas pela sociedade civil, empresarial e pública.

Por último entende-se que a instituição educacional é um espaço de ensino, pesquisa e extensão que possui um significativo poder de transformação. Sob essa perspectiva, é importante haver uma política que articule o diálogo com a sociedade no intuito de socializar os conhecimentos produzidos pela humanidade bem como disseminar novos conhecimentos sob uma perspectiva ética e transformadora, de forma que sejam amenizadas as desigualdades sociais, econômicas e políticas.

A parceria entre as instituições educacionais, a comunidade e o poder público se faz necessária para que se efetivem discussões sobre os problemas sociais de cada região e suas prioridades, visando estratégias para o enfrentamento da realidade.

Visa-se também a indissociabilidade entre o saber científico, a formação humana, a produção do conhecimento e a sua relevância social.

Deste modo, a presente pesquisa se justifica, pela função de estabelecer mesmo compreendendo as dificuldades e limitações existentes, um diálogo entre a instituição educacional em questão e a sociedade no seu microcontexto (alunos e colaboradores) e no macrocontexto (sociedade em geral).

1.4 Relevância

Sabe-se que a função precípua das instituições educacionais é a de contribuir para a formação do ser humano em sua totalidade. Dessa forma, busca-se desenvolver programas sociais onde seus alunos e colaboradores sejam despertados para desenvolverem responsabilidade social, amenizando as desigualdades e, de forma efetiva, exercer a cidadania.

É nesse sentido que, a presente pesquisa apresenta sua relevância, na medida em que níveis teóricos e de campo, apresenta o trabalho de projetos sociais mediante a identificação dos pressupostos de promoção humana norteados pelos preceitos de São Francisco de Assis, realizado dentro de uma instituição particular.

Por meio da identificação e entendimento dos padrões culturais e filosóficos que influenciam sobre a responsabilidade social individual e coletiva, esta pesquisa visa oferecer à instituição examinada e a outras organizações, uma compreensão de como trabalhar as questões da responsabilidade social na comunidade empresarial. Neste contexto, a participação do setor educacional privado deve se conscientizar sobre esta temática e propiciar experiências construtivas à formação de seus alunos e colaboradores dando-lhes a oportunidade de agir e interagir de forma mais adequada sobre o mundo.

1.5 Limitação

A contribuição deste trabalho, ainda que pequena, pode oferecer alguns instrumentos para auxiliar na direção daqueles que na vida não apenas visualizam o seu próprio bem-estar, mas que se dispõem a trabalhar no sentido de minimizar a problemática social e desta forma contribuir no resgate da cidadania e da dignidade humana.

Algumas limitações de natureza teórica e metodológica se configuram como fatores restritivos neste trabalho. Primeiramente, constatou-se uma escassez de literatura sobre o assunto. Posteriormente, verifica-se que a própria metodologia adotada, que é o estudo de caso, restringe a pesquisa, por ser uma análise holística. Considera-se a visão de totalidade como sendo uma construção do pesquisador, pois, sabe-se que nem tudo dá para ver, descrever, e descobrir com absoluta verdade. Sendo assim, a pesquisadora se concentrou nas questões que lhe pareceram mais relevantes.

Outro aspecto, que também considera-se como limitante, refere-se à fidedignidade dos dados coletados. Estes, podem conduzir a uma avaliação distorcidas dos fatos em investigação, pois, os alunos e colaboradores entrevistados não expressam por vários determinantes, como constrangimento, medos e outros, as suas reais opiniões.

Ainda, como fator limitante, coloca-se que os resultados desta pesquisa quantitativa, podem ter sido contaminados pela pessoa que aplicou os questionários, no sentido de seus valores éticos e culturais.

Finalmente, aponta-se as dificuldades que a pesquisadora encontrou nas bibliografias consultadas sobre a responsabilidade social e o terceiro setor, pois, as mesmas não possuem um alcance de profundidade e abrangência necessária a esta investigação.

1.6 Origem do Trabalho

O presente estudo originou-se na construção do consenso sobre o que é possível a uma instituição educacional confessional de filosofia franciscana, contribuir para a transformação da educação, desenvolvendo propostas que não fiquem apenas na valorização do saber científico, mas que a estes, agreguem a humanização. A regra geral para orientar essa pesquisa deve prever o surgimento de alternativas diversificadas, exercer um permanente processo de monitoramento e avaliação por resultados.

1.7 Descrição dos Capítulos

O capítulo 1 apresenta uma abordagem sobre os problemas sociais brasileiros, a origem do trabalho, a escolha justificada, que levou a pesquisadora a desenvolver este estudo e a importância do problema de pesquisa. Apresenta também, a relevância e a limitação do presente estudo.

No capítulo 2 encontra-se a fundamentação teórica baseada nos eixos filosóficos e sociológicos da ação social que darão sustentação ao desenvolvimento do trabalho.

O capítulo 3 trata das questões de responsabilidade social das organizações e a importância do terceiro setor no sentido de minimizar as desigualdades. Finaliza-se com uma descrição sobre voluntariado e a importância das parcerias na realização dos trabalhos sociais.

O capítulo 4 se destina ao campo de aplicação do trabalho – Núcleo de Ação Comunitária da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus. Descreve a caracterização da instituição educacional, os quatro eixos norteadores do NAC, bem como apresenta os projetos por ele desenvolvidos.

O capítulo 5 apresenta a pesquisa qualitativa, contemplando um estudo de caso, a população pesquisada, a coleta e análise de dados, que levaram aos resultados obtidos.

O capítulo 6 se refere aos resultados obtidos em torno da pesquisa realizada.

Finalmente, no capítulo 7, a pesquisadora apresenta as conclusões sobre o Núcleo de Ação Comunitária Bom Jesus, como forma de um agente transformador da sociedade, sugere recomendações, bem como sugestões para futuros trabalhos, que possam complementar o que ficou em aberto neste estudo.

2 AÇÃO SOCIAL

"Quando a criação humana desperta para um grande sonho e sobre ele lança toda sua alma... Todo universo conspira a seu favor". (GOETHE)

A delimitação da temática do ator em sociologia remete-se, necessariamente ao conceito de ação social em suas duas dimensões: individual e coletiva. Neste sentido, é imprescindível situar o problema filosoficamente, para o que se lança mão da contribuição teórica de Hannah Arendt, em ***A condição Humana***.

A autora afirma serem elementos da alteridade e da singularidade humanas "a ação e o discurso pelos quais os seres humanos se manifestam uns aos outros, não como objetos físicos, mas enquanto homens". (ARENDR, 1981, p.193). A filósofa, deste modo, entende a ação como requisito à condição humana, fator de diferenciação dos demais seres vivos da natureza, e também como nascimento do discurso. Recupera, portanto, o sentido grego de ação política em uma época de negação da vida pública e ênfase ao privatismo.

A ação e o discurso revelam *quem* é o homem no mundo humano em contraposição ao que, pois, "sem a revelação do agente no ato a ação perde seu caráter específico e torna-se um feito como outro qualquer". (ARENDR, 1981, p.193). A revelação ocorre na convivência com outros, e não no "pró" ou no "contra". É interessante perceber como a pensadora alemã, já na década de 1950, busca uma superação do paradigma político da exclusão do alijamento ou eliminação do adversário, contemplando um pensamento que tem reconhecimento do outro e suas razões a base de sua ação política pensamento que apresentamos como norteador do presente trabalho.

A ação e o discurso estão voltados para as coisas mundanas, realidade de mediação entre "um e outro", em que se produz a teia de relações humanas, onde

os homens colocam seus interesses neste sentido. Hannah Arendt reputa como um erro do marxismo o fato deste não enxergar a revelação da singularidade humana trazida pelo discurso tratando este como mera superestrutura supérflua resultante das condicionantes materiais

Hannah Arendt fala em uma "fragilidade dos Negócios Humanos". A ação, ao contrário do que ocorre na fabricação, ato solitário precisa do contato com o outro, daí ser falacioso o argumento ideológico capitalista do homem forte por estar só. O ator é, então, agente e paciente, provoca e recebe os efeitos das ações, tornando-se sujeito de sua história. A ação, sempre provoca relações que invadem as frágeis fronteiras das leis e das instituições humanas (negócios). As leis, portanto, não oferecem segurança total, posto a ação ser ilimitada e imprevisível (como o são também seus resultados). Por isso, "a ação só se revela plenamente para o narrador da história. Muito embora as histórias sejam resultado inevitável da ação, não é o autor, e sim o narrador que percebe e "faz" a história". (ARENDR, 1981, p.205).

Remontando aos gregos, "a essência humana só passa a existir depois que a vida se acaba, deixando atrás de si nada mais que uma história. O preço da eudamonia [Aristóteles] a própria vida". (ARENDR, 1981, p.6). A solução grega é, então, a polis e suas duas funções: a) espaço onde se consegue a fama "imortal" através de atos e palavras; b) remediar a futilidade da ação e do discurso, tomando-a imperceptível. E a proteção estabilizadora (através de lei, etc.) da imortalização, tornando permanente o espaço da ação. E o espaço onde os homens, aparecendo uns aos outros, **são**. A ação humana é, então, o espaço da aparência e do poder, pois "o poder só é efetivado enquanto a palavra e o ato não se divorciam, quando as palavras não são vazias e os atos não são brutais, quando as palavras não são empregadas para revelar intenções, mas para revelar realidade, e os atos não são usados para violar e destruir, mas para criar relações e novas realidades [...] o único fator material indispensável para a geração do poder é a **convivência entre os homens**". (sem grifos no original) (ARENDR, 1981, p.213).

O isolamento é demonstração de força que não é poder e sim seu contraponto, à medida que é fugaz e nega a pluralidade. Neste sentido, o pensamento de Hannah Arendt pode ser cotejado com o de Foucault. O poder, para este filósofo, é um "modo de ação sobre os outros". Não significa renúncia à liberdade, como no sentido construído pelo contratualismo, mas, ao contrário, supõe o reconhecimento do outro como sujeito da ação política. O poder é, enfim, ação sobre ação, pressupondo, então, a liberdade, ou seja, a escolha entre várias condutas possíveis. A violência pura e simples não representa o poder, posto não possuir o requisito fundamental da liberdade.

Segundo Hannah Arendt (1981), as ações só podem ser analisadas em sua grandeza, pelo que de novo trazem, nem que para isso violem as normas de comportamento. É o espaço da ousadia, a ousadia do extraordinário, de que fala Demócrito. Para Aristóteles, está em jogo, na política, nada menos que a *ergontron anthropon* ("a obra do homem" enquanto homem), que é um fim em si mesma, pois significa viver bem.

Ao longo dos capítulos a seguir, analisam-se diversas abordagens teóricas que, de uma forma ou de outra, encontram-se dentro das perspectivas filosóficas debatidas nos parágrafos anteriores. Nelas, o ator é entendido como sujeito que intervém e modifica a realidade devido a vários fatores interesses, crenças, disposições culturais entre outros.

2.1 A Ação dos Indivíduos

Em princípio, as ações dos indivíduos são dotadas de racionalidade.

Quaisquer sejam as razões encontradas nas condutas, é razoável também postular que as ações sociais constituem-se à luz das motivações de quem as pratica. Assim, a sociologia acionista deve remeter-se aos interesses e às estratégias desenvolvidas com vistas à obtenção de maiores espaços no interior dos campos que compõem a realidade social. Discutimos o desenvolvimento de estratégias pelos atores.

O ator social, agente da transformação, é examinado em sua dimensão coletiva, à medida que se reconhece o fato de que os indivíduos se reúnem em grupos visando interesses e objetivos comuns. Os movimentos sociais aparecem quando tais grupos propõem significativas transformações na ordem social estabelecida. Neste sentido, o movimento operário é o movimento social por excelência, além de ser o mais tradicional. Porém como aplicar o conceito de movimento social às ações sociais e aos conflitos hodiernos, constituídos numa realidade a um só tempo refratária a crítica social e globalizada do ponto de vista dos processos econômicos? De qualquer forma, a aceleração do ritmo de mudanças exige respostas sociológicas, se não definitivas, ao menos rápidas. É necessário compreender os novos movimentos dentro da complexidade contemporânea. Este trabalho pode ser o início, para seu autor, deste processo.

2.2 A Ação Social

A sociologia acionista parte de alguns princípios fundamentais. Boudon, por exemplo, nos diz que analisar o processo social dentro de tal enfoque teórico é entender que "todo fenômeno social, qualquer que seja, é sempre resultado de ações, de atividades, e em geral de comportamentos individuais que estão em sua origem". (BOUDON, 1994, p.2). Tal concepção é construída na esteira da tradição sociológica inaugurada por Max Weber, tradição esta que vai de encontro às teorias sociais coletivistas, isto é, totalistas ou holistas, tais como o marxismo e o positivismo. É necessário, então, identificar os diversos atores e descobrir o sentido de suas atitudes e comportamentos e os reflexos destes nas realidades sociais.

No processo de identificação acima aduzido, lança-se mão dos instrumentos fornecidos pela sociologia compreensiva de Weber. Apesar de se partir de um plano de análise do indivíduo, necessário se faz investigar o processo de socialização do mesmo, as coerções por ele sofridas que norteiam e informam suas escolhas possíveis. É este o espírito que move Weber na associação que o pensador germânico realiza entre o *ethos* protestante e o desenvolvimento econômico das sociedades capitalistas onde tal *ethos* é preponderante. (WEBER, 1996).

Assim, para Boudon (1994), é preciso ultrapassar as análises meramente interacionistas e compreender as situações de interdependência que envolvem atores que, muitas vezes, sequer se vêem no interior de uma complexa rede de relações sociais. Compreender a ação de um indivíduo é colocar-se em seu lugar, no contexto em que a ação é realizada, e encontrar as *razões* que movem o ator.

A sociologia compreensiva é, portanto, uma sociologia eminentemente subjetivista em que se preconiza a compreensão do Outro a despeito das (e pelas) diferenças que separam observador e observado. Subverte-se, assim, a regra de objetividade durkheimiana no tratamento dos fatos sociais, que impõe a separação completa entre o sujeito-pesquisador e o objeto da pesquisa sociológica. (DURKHEIM, 1983).

Na Alemanha, a influência comteana é mais fraca. E a história, a partir da influência hegeliana, que aparece em primeiro plano e é sob suas luzes que se desenvolve a sociologia neste país. Além disso, ao despreço francês pela economia e pela psicologia, corresponde a importância dada a estas disciplinas pelos alemães. Na Alemanha, pautava-se pelo triplo princípio encontrado em Menger: explica-se os fenômenos macroscópicos, reconduzindo-os às suas causas microscópicas; tais causas devem ser assimiladas com grande frequência às *razões* (implícitas ou explícitas) dos atores; realiza-se, então, simplificação: os atores devem ser reagrupados por tipos – em Weber, tipos ideais. (BOUDON, 1994, p.6).

A partir de Weber, no sentido metodológico, analisar individualmente um fenômeno social é pesquisar as razões que levam os indivíduos (atores sociais) "a fazer o que fazem ou acreditar naquilo que acreditam". (BOUDON, 1994, p.7).

As críticas ao IM (Individualismo Metodológico) confundem-no com o individualismo sociológico (característica individualista de algumas sociedades), dizendo ser impossível sua aplicação em sociedades arcaicas, comunitárias. (A etnologia moderna encarregou-se de sepultar a ilusão que diminui a importância do indivíduo e suas ações em tais sociedades.).

Para o IM, a sociedade não é necessariamente um agrupamento de individualidades calculistas, o que a levaria ao atomismo. Deve-se reconhecer as interações

realizadas entre os atores e os mesmos podem ser classificados em categorias abstratas, de acordo com o que têm em comum (novamente, os tipos ideais de Weber), podendo-se, inclusive tratar entidades coletivas como indivíduos. Epistemológica ou doutrinariamente, o positivismo (Durkheim) e o neomarxismo não reconhecem o caráter científico do IM. Aos marxistas, Boudon (1994) questiona: se os indivíduos não têm autonomia, são cegos iludidos, por que os teóricos enxergam isso? Aos positivistas: porque as proposições acerca do indivíduo e suas ações não podem ser científicas como o são fenômenos naturais? A miríade de comportamentos individuais possíveis também cria empecilhos à aceitação do IM, devido à dificuldade de explicar os fenômenos a partir deles, embora a idéia seja simples do ponto de vista teórico.

O princípio da racionalidade é o segundo princípio da sociologia da ação apontado por Boudon (1994). Para entender este princípio, parte-se da sociologia compreensiva de Weber, da qual se tratou no início deste capítulo. Mediante a captação de várias informações relativas ao contexto do indivíduo pesquisado (processo nada simples, que Boudon chega a comparar a um inquérito policial), deve-se buscar um estado empático em que o sentido das razões do autor seja compreendido. Em outras palavras, é poder dizer: "nas mesmas condições, eu teria agido como o ator agiu".

Uma conseqüência perigosa das dificuldades retroaduzidas: pode-se não compreender a ação do ator e reputá-la com irracional. Um exemplo clássico de boa sociologia compreensiva, apontado por Boudon, é a já mencionada análise weberiana em **A Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo**, (WEBER, 1996) sobre a permanência da força religiosa nos EUA ao contrário do que ocorreu em outras sociedades ocidentais. Tal análise fornece os princípios da sociologia da ação: primeiro, necessário buscar o sentido dos comportamentos individuais a partir do contexto que os gera, comparando-os e diferenciando-os em relações a outros comportamentos em outros contextos. Em seguida, deve-se agrupar os atores em categorias. Os sentido do comportamento descreve-se a partir de proposições

psicológicas simples "sobre as *razões* que levam os atores sociais a interpretar [nos EUA] a filiação religiosa e [na França e Alemanha] os símbolos de estratificação como sinais de respeitabilidade". (WEBER, 1996, p.14). Deste modo, a sociologia da ação postula a *RACIONALIDADE* dos comportamentos individuais.

2.2.1 O poder da transformação por parte das pessoas

A sociologia, segundo Boudon (1994) postula a racionalidade do ator social e não a do homem; portanto o faz no sentido metodológico e não no ontológico, buscando as razões válidas das ações individuais. Não se trata, portanto, da *razão* em si mesma que, em princípio, é inescrutável, já que cada grupo social possui um entendimento muito particular sobre o que é ou não racional. (Entretanto, Boudon critica o alargamento dos limites da racionalidade, como faz Popper ao reputar como racional todo comportamento cujo autor apresente razões para tê-lo praticado.).

A partir disso, Boudon aponta três noções de racionalidade: *restrita* em que as razões são objetivamente fundamentadas; *ampla* (no viés encontrado em Popper), o comportamento racional apóia-se em razões, quaisquer que sejam; *intermediárias*: "X tinha razões válidas para fazer Y., porque...". A última, adotada pela sociologia da ação, é mais razoável se forem acrescentadas à proposição inicial outras razões que a justifiquem ("X tinha razões para fazer, Y, porque acreditava na proposição normativa Z, e tinha razões válidas para acreditar em Z, porque...").

Daí porque, principalmente a partir de Weber, pode-se construir uma tipologia útil: racionalidades: utilitária, teleológica, axiológica tradicional, cognitiva (ação racional com respeito a fins, ação racional com respeito a valores, ação tradicional, ação afetiva, etc., encontradas em WEBER, 1977). A noção em apreço (racionalidade intermediária ou semântica) tem a vantagem de introduzir a racionalidade das convicções na análise dos comportamentos.

A racionalidade objetiva, em sentido estrito, é a ação lógica: o melhor resultado utilizando os melhores recursos possíveis. Uma noção menos restrita nos traz a

impossibilidade disso, já diagnosticada por March e Simon (1975). Na prática das organizações e seus atores acaba-se por visar o possível, a solução satisfatória (*satisfecing*). O mesmo raciocínio pode ser encontrado em Crozier e Friedberg (1984). Porque "na *prática* o ator, de um modo geral, não pode ter acesso a toda informação de que necessitaria para se comportar racionalmente, no sentido estrito do termo". (BOUDON, 1994, p.20). Essas análises ainda não esclarecem se a ação seria estritamente racional sem o déficit de informações. A seguir, busca-se clarear a questão.

Na Racionalidade subjetiva, o ator mobiliza inconscientemente todas as espécies de *a priori* que podem ser eficazes (e que acredita mais ajustadas à situação) em algumas circunstâncias, mas não em outras. Assim. Apesar de às vezes o resultado ser ruim, não se podem negar as *razões válidas* de ator, considerá-lo, enfim, irracional. Isto nos afasta do entendimento da ação como escolha ótima. (MARCH e SIMON, 1975). Pode-se então falar em mera racionalidade cognitiva, na qual, mesmo procurando-se não repetir erros de outrem, os erros não são necessariamente evitados. Completa-se, aqui, a tipologia de Weber. (BOUDON, 1994).

A racionalidade psicológica diz respeito ao sagrado (Durkheim); às razões do coração (Pascal) às ações afetivas (Weber). Não fica claro, da leitura de Boudon. em que medida uma tal racionalidade pode ser assim entendida, ou se, no caso, teríamos já, aqui, ações se não irracionais pelo menos não-rationais no sentido aqui empregado.

Os comportamentos irracionais efetivamente existem. Porém, são de difícil visualização. Boudon alerta ser necessário evitar o fenômeno da projeção, a interpretação do comportamento alheio a partir do que somos e de nossas convicções pessoais, quando, com efeito, uma das principais funções das ciências sociais é superar o "senso comum". Tanto Popper quanto Weber mencionam a conveniência de se considerar o ator social como racional e "só podemos nos sentir autorizados a propor uma interpretação irracional quando pareça impossível atribuir razões a um dado comportamento". (BOUDON, 1994, p.25). Na realidade, considerar as razões válidas é sempre um

processo difícil que exige cansativos estudos. Os erros no tocante à apreensão do tipo de racionalidade que move os atores podem trazer sérias conseqüências, principalmente na aplicação de políticas de intervenção na realidade.

Em teoria, tradicionalmente, enxerga-se a organizações dentro de um modelo simplista de coordenação mecânica. Contudo, as disposições particulares dos atores não podem ser consideradas como exceções ao modelo racional. A obediência, por exemplo, não é conformista, mas resultado da *negociação*, devido á margem de liberdade do ator, ou seja, daquele que está disposto a promover a mudança.

A escolha dá-se a partir do conhecimento intuitivo dos elementos envolvidos (relações, comunicação, alianças, etc.). O sistema é, então, "influenciado e mesmo corrompido pelas pressões e manipulações dos atores". O homem, aqui, é um "agente autônomo que é capaz de calcular e manipular, e que se adapta e inventa em função das circunstâncias (CROZIER e FRIEDBERG, 1977, p.44). Refuta-se, portanto, o taylorismo, no qual o homem é uma mão, e à escola das relações humanas para quem o homem é uma mão e um coração aqui, o homem é uma mão, um coração e uma razão.

A teoria motivacional de Maslow parte das necessidades psicológicas dos indivíduos. Nesta linha está o viés adotado por Argyris, que interpreta o jogo organizacional unicamente em suas dimensões psicológica e moral.

A segunda simplificação é aquela do economismo, que preconiza a existência de um ator que sempre espera a recompensa a partir do que ofereceu à organização. Tal viés não capta a complexidade das relações sociais, o quadro de referência de cada ator.

Ambos os modelos negam a pressão (*contrainte*) autônoma representada pelo contexto organizacional. Não explicam, ainda, o processo de formação dos grupos estratégicos dentro das organizações, aqueles grupos que abrigam indivíduos com posições e interesses homogêneos.

O ator tem a liberdade e a racionalidade limitadas nela própria organização que também é limitada em seus propósitos pela força das *contraintes*. MARCH e

SIMON (1975), formuladores iniciais de tal visão teórica, falam em uma incapacidade humana à otimização devido às limitações retro aduzidas. O ator busca, na realidade, a solução minimamente satisfatória.

É necessário, então, partir das condições humanas materiais e estruturais do contexto que limitam a liberdade e a racionalidade dos atores e, portanto, dos comportamentos empiricamente observáveis para realizar análises organizacionais.

O corolário das colocações anteriores é o *conceito central de estratégia* desenvolvido por Crozier e Friedberg: o ator raramente tem objetivos bem claros e projetos bem coerentes e ambos podem mudar conforme as circunstâncias se apresentem. Assim, seu comportamento é *ativo*. O comportamento sempre tem um *sentido*, de acordo com as relações estabelecidas com as oportunidades que têm visibilidade e com outros atores. Independentemente das questões temporais (prazo para recuperação do investimento), o comportamento tem: um aspecto ofensivo (no sentido de melhorar as oportunidades), um defensivo (no sentido de assegurar a margem de liberdade conquistada).

Relativiza-se, portanto, o conceito de "estratégia racional", argumentando-se que humores e reações afetivas também comandam o comportamento humano. No fundo, Crozier e Friedberg mostram que não se pode analisar, empiricamente, o ator a partir somente de seus objetivos, deslocando-o do contexto social em que se insere a organização, nem tampouco simplesmente da "estratégia", pois, como visto, esta não é resultado de um "cálculo preciso".

Conclui-se, então, que por mais disposto através de normas que, aparentemente, esteja um sistema, na prática prevalece a *negociação* entre os indivíduos, ou seja, as relações de poder mediadas pelas estratégias construídas pelos atores. Isto é claro, gera tensões entre os grupos na disputa por espaço. Quer-se mostrar como a "agressividade" e a "resignificação" têm significação "racional", sendo aspectos particulares de uma estratégia geral de poder. Deste modo, faz-se necessário em uma pesquisa empírica da ação coletiva, descobrir e indicar os grupos que formam a organização analisada.

No limite, pode-se afirmar a existência de uma estratégia dominante, estável, autônoma e bem caracterizada, que não pode ser prevista por aqueles que elaboram o organismo. Diagnostica-se, deste modo, uma estruturação do poder e de suas relações, constituída na própria trajetória das organizações. Isto dá espaço a construção de uma ação coletiva, plasmada pelos comportamentos individuais dos atores que a desenvolvem, agrupando-se.

2.2.2 Ação coletiva

Até este momento, trabalhou-se com os aspectos mais gerais acerca do ator social. Operou-se, enfim, com o conceito sociológico de ação social e os temas que lhe são aderentes: racionalidade, estratégias e poder.

A grosso modo, a ação coletiva se realiza por meio de grupos de indivíduos reunidos pelo mesmo objetivo. Porém, dizendo isto, não tratamos a questão com a minúcia necessária. Para tal, é de grande valia a visão panorâmica oferecida por Boudon (1994) sobre o tema da ação coletiva. Inicialmente, este autor relaciona o conceito de grupos latentes, como conjuntos de indivíduos com interesse (s) comum (ns). Podem ser grupos *organizados*, quando dotados de mecanismos de decisão coletiva ou *semi-organizados*, que são aqueles grupos que afirmam defender tais interesses (ex. os partidos). Disto, aparecem duas questões: como o grupo latente pode empreender ações visando os interesses comuns de seus membros e como tal grupo pode tomar-se organizado ou semi-organizado. A tomada de consciência e uma tendência, apontada por Durkheim em **A divisão do trabalho social**, para o estabelecimento de uma "rede de grupos latentes e grupos de interesse, [tendendo] a tomar-se mais e mais densa e complexa à medida que se desenvolvem as sociedades industriais gera um estado de conflito crônico, mas também uma limitação recíproca da influência dos grupos, com o poder de cada um contendo o poder do outro". (BOUDON . 1994, p.9).

Olson e Hirshman (citados por BOUDON, 1994) interroga o modelo "interesse comum-tomada de consciência-ação coletiva", levantando a possibilidade de defecções em detrimento do protesto (aliás, uma tendência bastante forte). Os custos da participação e, muitas vezes, os benefícios eventuais da ação coletiva não dependem da participação individual. Além disso, como demonstra CROZIER (1981), investigando organizações públicas e privadas francesas, os custos da participação são muito altos para o ator, à medida que, em primeiro lugar, ele se expõe quando coloca publicamente a proposta de uma gestão organizacional participativa. A não participação significa, também, a ausência de responsabilidades, à medida que a abstenção é protegida pelos regulamentos burocráticos. O ator, comprometendo-se na ação coletiva, compromete sua parcela de liberdade conquistada ao abrigo das normas organizacionais estabelecida. Daí que "a existência do interesse comum e a consciência desse interesse são condições necessárias mas em geral não suficientes para a emergência da ação coletiva". (BOUDON, 1994, p.10).

Boudon (1994) arrola as condições da ação coletiva: 1) restrição do número de indivíduos; 2) existência de mecanismos coercitivos; 3) assimetria de interesses e recursos; 4) fragmentação dos grupos latentes (mesmo os grandes) - "estrutura federativa"; 5) pressão de organização exógena; 6) relação de lealdade (dependente da "densidade" das relações, no que se remetem a Durkheim); 7) os custos da participação individual ria ação coletiva são nulos ou negativos (no que convergem com o pensamento de Crozier acima mencionado).

Na análise da ação coletiva, deve-se refutar interpretações de cunho irracionalista, na esteira de Le Bon, nas quais o indivíduo é atomizado ou anulado nas massas. Deve-se, a partir do legado weberiano, buscar as respostas racionais (as razões válidas para as ações individuais).

Feita uma contextualização inicial acerca da ação coletiva, é necessário, então, entender o ator face à ação coletiva, para o que analisamos as contribuições de Crozier e Friedberg (1984). Estes autores fazem uma aposta teórica que não

pretende construir leis gerais para a boa organização, como faz a abordagem organizacional administrativa, mas analisar os problemas dos conjuntos complexos denominados organizações e, a partir daí, formular proposições sobre a questão. O objeto do livro em apreço é a ação *organizada* dos *homens* e não as organizações em si mesmas. Busca-se, enfim, as relações entre ator e sistema.

Busca-se comprovar a existência de pressões que moldam a ação coletiva. Na realidade, as organizações e seus problemas não são "naturais" e sim soluções específicas buscadas por atores relativamente autônomos para problemas colocados pela ação coletiva. São meios que os homens buscam para resolver seus problemas, mas nem sempre representam a "melhor solução". As organizações são, na realidade, contingentes, indeterminadas e arbitrárias e sua naturalização dá-se por meio da história, dos costumes e das crenças. Daí não raro aparecerem os denominados efeitos perversos ou inesperados.

Tem-se, neste momento, um dilema: o efeito perverso é, em princípio, contrário à ação coletiva se o foco for apontado à questão das finalidades ou na motivação dos atores. O dilema reside na mediação inelutável entre os fins perseguidos e os "meios" humanos de que se é obrigado a empregar. Tal dilema já fora abordado em outra obra de Crozier, *O Fenômeno Burocrático* (1984). Na verdade, os indivíduos que compõem uma organização qualquer por vezes utilizam as próprias normas desta organização para protegerem a si e aos interesses de seu grupo específico, abrigando-se na burocracia existente. Ocorre que tais normas podem revelar-se disfuncionais em relação aos fins perseguidos pela organização.

A ação coletiva (e conseqüentemente a ação) não reside apenas nas propriedades empíricas dos problemas que se quer resolver, mas situa-se em dilemas por vezes insolúveis. As organizações procedem, então, a busca dos impasses lógicos e os efeitos inesperados primários (e não dos objetivos e motivações, como se depreende da literatura olsoniana, por exemplo). Assim, as ações não visam a otimização dos recursos, mas tão somente garantir uma segurança mínima a atores e organizações, como, aliás, já advertiram March e Simon (1975) com seu conceito de racionalidade limitada.

A problemática é: como conseguir a cooperação de atores com interesses divergentes se não contraditórios? A resposta está no que os autores denominam *construits d 'action collective*, ou seja, construção da ação coletiva: os atores perseguem seus objetivos/interesses específicos não colocando em risco a empresa coletiva, já que esta assegura um mínimo de segurança, e deste modo se dá a obtenção da "fidelidade" a despeito da existência de espaço à liberdade individual.

Ou seja, as dinâmicas organizacionais funcionam como *jogos*, estratégias em função de objetivos específicos, mas dentro dos objetivos do conjunto. Percebe-se, portanto, uma dose de indeterminação, a *incerteza é a fonte fundamental da negociação* – por isso os homens se organizam, não é uma tendência natural nem faz parte da essência do ser que se dá em relações desiguais entre atores num campo estruturado por relações de poder e dependência (na realidade fatores que se relacionam entre si).

O poder, como já mencionamos na introdução, coloca-se no centro de qualquer análise séria da ação coletiva. Esta, nada mais é que a política cotidiana, em que os atores *jogam* com suas incertezas. É visível, portanto, a preocupação de Crozier e Friedberg em refutar o *mito da transparência social*, que marca todas as utopias, de Platão a Morus, passando por Marx, que não levam na devida conta o papel do indivíduo e suas idiossincrasias, e, principalmente, das incertezas.

Quanto às modificações da ordem, os autores propõem riscar o termo resistência à mudança da literatura sociológica organizacional. Propõem isto não para diminuir a influência desta resistência, mas porque ela se explica à luz dos riscos que comporta e que são pesados, mas que, contudo, não impedem a transformação da realidade pelos atores sociais.

2.2.3 Iniciativas de movimentos sociais

É essencial reservar um espaço próprio à análise dos movimentos sociais que, em linhas gerais, são ações desenvolvidas pelos atores sociais visando a transformação de uma realidade. Para detalhar este conceito, procuramos debater

as contribuições de dois autores contemporâneos, Alain Touraine e François Chazel. visões que têm vários pontos em comum, mas que possuem profundas e importantes diferenças como veremos a seguir.

Touraine (1989) afirma que para analisar os movimentos sociais deve-se, antes, construir teoricamente tal categoria, de modo que tal estudo não se restrinja à mera descrição empirista. Deste modo, Touraine propõe a existência de três tipos de conflito visando modificar um ou vários aspectos importantes da vida social: *condutas coletivas, lutas e movimentos sociais*. As *condutas coletivas* são esforços de defesa, reconstrução ou adaptação de um elemento doente do sistema social; as lutas são os conflitos analisados como mecanismo de modificação de decisões, como fatores de transformação política a longo prazo; os *movimentos sociais* são "as ações conflitantes referentes à transformação no domínio social que prescindem dos recursos culturais - a produção, o reconhecimento, as regras éticas. (TOURAINÉ, 1989, p.142).

Abordando as condutas coletivas, Touraine as define como esforços de reconstrução de um sistema social desestruturado (ex.: imigrantes que criam uma comunidade homogênea, ou ações sindicais contra os efeitos negativos de uma mudança técnica), sendo movimentos que têm como referência a sociedade ou a ordem social.

Touraine não reconhece os conflitos que se referenciam na ordem como mecanismos de mudança radical, posto inclusive visarem, não raramente, a tomada do poder dentro das regras estabelecidas. As lutas eleitorais, mesmo as dos partidos de esquerda, podem ser entendidas dentro desta definição.

O que Touraine chama de lutas, são conflitos particulares, para modificar mecanismos decisórios específicos e que, como tal devem ser alvo de denúncia de um movimento social.

As lutas não têm como fim a construção de um sistema social, mas ligam-se a uma visão de guerra estratégica. Quando se tornam movimento, visam restabelecer

a relação entre ação coletiva e sistema social. O movimento social não responde a uma situação da sociedade, mas é resultado dos conflitos pelo controle dos modelos culturais, da historicidade, portanto, podendo significar uma ruptura do sistema político. Uma sociologia da ação não deve apenas restringir-se à mudança social em si, mas entendê-la a partir das noções de modelos culturais e movimentos sociais.

Entretanto, constata-se que, atualmente, o campo das lutas é cada vez mais específico. Os atores lutam estrategicamente por interesses muito próprios, contrapondo-se, temerosos, a relações sociais colocadas globalmente, ocorrendo uma forte dissociação dos movimentos sociais. Touraine propõe-se a resgatar o status da luta de classes como aspecto essencial da análise sociológica. Porém, ao fazê-lo, reconhece o papel individual do ator social, à medida que a situação vivida tem uma importância capital.

Assim, para Touraine, em uma análise não metassocial, os atores encontram-se em conflitos permanentes e não em contradição.

Os movimentos sociais, contudo não se destacam dos demais conflitos. Touraine afirma não existir a classe "em si", enfim, não existe classe sem consciência de classe, consciência política que traduz o movimento social em ação política.

Pode-se perceber que Touraine é bastante incisivo em sua definição de movimentos sociais. Exclui muitos conflitos e ações que se proclamam como tal e que desta maneira são para Touraine, em uma análise metassocial, a realidade é interpretada a partir de categorias teóricas deslocadas das relações sociais, ou ainda se explica a sociedade a partir de uma dimensão da vida social, por exemplo, a economia.

Neste sentido, a noção de Chazel, que aliás denuncia a restrição tourainiana, é mais abrangente, em uma época de incertezas quanto ao destino das ações críticas tradicionais e colocação de novas demandas e movimentos: para este autor, movimento social é "um empreendimento coletivo de protesto e contestação que visa impor mudanças, de importância variável, na estrutura social e/ou política através do recurso freqüente, mas não necessariamente exclusivo, a meios não institucionalizados". (CHAZEL, 1996, p.291). Tal conceito tem a virtude de agasalhar

movimentos diversos, representando uma abertura maior em relação à fechada definição tourainiana.

Parece-nos ser de natureza semântica a questão conceitual dos movimentos sociais na qual divergem os dois autores em exame. Porém, é uma questão semântica importante. Para Touraine, são aquelas ações que visam consertar um elemento negativo da realidade social, tendo, porém, a ordem estabelecida como referência. Não seriam, portanto, movimentos sociais, pois para o autor estes acarretam uma luta pelo domínio da historicidade e, conseqüentemente, do processo cultural, Chazel, por seu turno, não especifica se o movimento social não pode, por vezes, visar a restauração de uma ordem superada, ou seja, ser um movimento conservador ou reacionário às mudanças e/ou seu ritmo.

A discordância aqui demonstrada com respeito às restrições de movimento social em Touraine, não diminui a importância analítica da contribuição do autor ao debate. Este autor discute importantes questões relacionadas à ação, à ordem, à crise e à mudança, demonstrando como estes quatro aspectos estão intimamente ligados.

As relações sociais não são completamente abertas. Há uma ordem social, mantida por agentes de controle social e cultural e pelo poder do Estado, suscetível a crises em face das mudanças ambientais; ou seja, as relações sociais e a ordem estão em constante mudança.

Vê-se que, para Touraine, a ordem não é sinônimo de estabilidade. Como, então, analisar a ordem a partir da sociologia dos movimentos sociais no contexto pessimista da análise social contemporânea de cunho crítico (baseada, majoritariamente, em estudos sobre a dominação simbólica e outros na mesma senda, que buscam mostrar, por exemplo, que as instituições do trabalho e da escola não modificam o quadro de desigualdade, ao contrário, o legitimam)? Ora, como bem diz Touraine (1989), a ordem não se impõe de forma absoluta. O silêncio não reina totalmente na escravidão, há sempre uma resistência e, conseqüentemente, uma repressão. Na ordem aparente, há sempre a dominação e a contes

tação (por exemplo, às vezes que se levantam contra as ditaduras, contra os efeitos sociais do desemprego, etc.). Movimentos tidos como anômicos, marginais, podem ser sintomáticos de uma resistência à ordem imposta, representando a crise.

Touraine (1989) conclui que, numa perspectiva sociológica aplicada, pode-se realizar uma análise em termos de sistema social de integração e crise. Contudo, na análise de conjuntos sociais vastos e complexos e na determinação da natureza das forças sociais que se pode transformar, deve-se colocar em primeiro plano as noções de historicidade e movimentos sociais. As formas atuais de dominação mais profundas dão amplo espaço ao surgimento de novos movimentos sociais, talvez num sentido mais amplo do que o dado por Touraine.

3 RESPONSABILIDADE SOCIAL

3.1 A Responsabilidade Social nas Organizações

Ainda é considerado grande o número das carências existentes nos mais diversos grupos sociais, visto que a pobreza, a marginalização e a desigualdade social apesar do empenho de alguns continuam crescendo.

Minimizar, e até mesmo solucionar estes problemas, compete a toda sociedade, tanto a pública, como a civil e a empresarial.

As organizações que são socialmente responsáveis têm consciência de que seus compromissos devem ir além dos interesses financeiros, podendo contribuir com o bem estar, qualidade de vida, preservação do meio ambiente e efetiva participação nas ações comunitárias da comunidade onde está inserida.

Ao falar em comunidade, se refere a um conjunto de famílias e pessoas que compartilham um espaço de moradia e, às vezes, até de trabalho, com necessidades e interesses comuns e, portanto, com fatores que favoreçam a reunião, a comunicação e as ações coletivas (MELO NETO, 1999).

Esta preocupação das instituições em serem socialmente responsáveis, se configura de modo a atender seus colaboradores, clientes, fornecedores, prestadores de serviços e concorrentes, atendendo, então o âmbito interno e externo da responsabilidade social.

Então, o conceito de responsabilidade social das organizações com a comunidade e a sociedade, tem um sentido mais abrangente, pois trata da relação socialmente responsável da empresa, em todas as suas dimensões e em todas as suas ações.

Vale salientar, que a questão da responsabilidade social deve ser tratada com um autêntico compromisso das organizações em relação à sociedade e a humanidade, pois, segundo Melo Neto (1999), se a organização obtém recursos da sociedade, é seu dever restituí-los não apenas sob forma de produtos e serviços

comercializados, mas, principalmente, através de ações sociais voltadas para a solução dos problemas sociais que afligem esta sociedade.

Compreende-se também, que a responsabilidade social é uma forma, uma filosofia de gestão das organizações, devendo, portanto ser vista com realizações de vontade própria, sempre calcada na ética, nos princípios e valores.

Para fortalecer a dimensão social das organizações, existem alguns vetores de responsabilidade social que auxiliam no direcionamento do processo de gestão que, segundo Melo Neto (1999), são:

- apoio ao desenvolvimento da comunidade onde atua;
- preservação do Investimento no bem-estar dos colaboradores e seus dependentes e num ambiente de trabalho agradável;
- comunicações transparentes;
- retorno aos acionistas;
- sinergia com os parceiros;
- satisfação dos clientes.

Argyris (1968), reconhece que o meio social exerce um enorme poder sobre o ser humano, pois, gerência os seus desejos, aspirações e necessidades, fornecendo subsídios para a interpretação da realidade, o que determina a sua relação consigo mesmo e com os demais.

A instituição educacional, por sua vez, tem uma grande responsabilidade de participar ativa e autenticamente do processo de construção de formas mais democráticas de convívio humano, na perspectiva de uma sociedade preocupada com a promoção humana.

A instituição educacional tem um grande poder para contribuir na transformação social, pois seu papel é promover a democratização da cultura (acesso de todos a vida cultural organizada) e, ao mesmo tempo estimular a democracia cultural (o livre exercício das diferenças e cidadania), o que só pode ser feito a partir de uma consciência crítica. Se esse papel for exercido com eficiência, certamente será mais um segmento social fortalecendo a melhoria de sua comunidade, região, estado e país.

3.2 O Terceiro Setor

A sociedade civil cada vez mais tem assumido um papel de protagonista na construção de uma sociedade mais igualitária. Dentro dessa concepção da organização social, encontra-se uma série de iniciativas que vêm recebendo a denominação genérica de Terceiro Setor.

Para melhor entender a existência do terceiro setor é preciso apresentar a existência de outros dois setores: o Estado enquanto esfera pública estatal, denominado de primeiro setor e o mercado enquanto esfera econômica, denominado de segundo setor.

O terceiro setor é uma esfera pública não-estatal, que desenvolve projetos movidos para o empreendedorismo social, voltadas para a produção de bens e serviços públicos, ou seja, que não geram lucro e respondem às necessidades coletivas.

Encontra-se dentro da sociedade civil e tem várias denominações: setor voluntário; setor solidário; organizações não governamentais (ONGs), setor sem fins lucrativos; setor filantrópicos e outros.

Por sociedade civil entende-se um conjunto social de indivíduos, instituições e organizações que não fazem parte do aparato governamental.

Babbio (1992) define a sociedade civil como uma esfera de relações entre indivíduos, grupos e organizações que se desenvolvem fora das relações de poder, que caracteriza as organizações governamentais.

O terceiro setor diante das necessidades emergenciais de transformação vem desenvolvendo um trabalho que está mudando a sociedade, no que diz respeito ao acervo de experiências e competências no enfrentamento da pobreza e da exclusão social.

Conforme coloca Loschpe et al. (1997), o terceiro setor descreve um espaço de participação e experimentação de novos modos de pensar e agir sobre a realidade social. Salienta ainda a autor, que este campo engloba as múltiplas experiências de trabalho voluntário, pelas quais cidadãos exprimem sua solidariedade por meio de tempo, trabalho e talento para causas sociais.

O trabalho comunitário como: a prática da solidariedade; à cultura da filantropia são fortes características do terceiro setor.

Segundo Rodrigues (1998, p.33) até meados dos anos 90 "as organizações da sociedade civil sem fins lucrativos tiveram quase sempre papel marginal, vistas ou como forma de assistencialismo e caridade, associada sobretudo à religião, ou como forma de movimento político, associada a ONGs, ou, ainda, de defesa de interesses corporativos, relacionada a sindicatos e associações".

Vale salientar, que por uma grande necessidade de ação social, a variedade de tipos de organizações existentes para este fim e a importância que elas representam para a amenização dos problemas sociais, não se pode mais o terceiro setor ser negligenciado pelos estudiosos das teorias sociais e administrativas.

Como salienta Melo Neto (1999), as principais características do Terceiro Setor são a natureza específica de suas ações, de caráter filantrópico e de investimentos em programas e projetos sociais, e o alto grau de diversidade das entidades que dele fazem parte.

3.3 O Voluntariado

As Organizações das Nações Unidas (ONU) na Assembléia Geral em 1997, proclamou o ano de 2001 como sendo o Ano Internacional do Voluntariado. Teve a intenção de difundir, incentivar e patrocinar atividades voluntárias nos países que dela fazem parte.

Teve como objetivos principais: O aumento do reconhecimento do trabalho realizado pelos voluntários e das ações voluntárias; A promoção do voluntariado e da grande contribuição dos voluntários; a facilitação das oportunidades para as pessoas que desejam se tornar voluntárias, a melhoria de uma rede de oportunidades para as pessoas comprometidas nas questões do voluntariado.

O maior interesse era de que, as pessoas tomassem consciência sobre os grandes problemas sociais que se apresentam, e que não ficassem numa posição

de alienação, mas sim, adquirissem uma nova mentalidade colocando -se a disposição para o enfrentamento dessas questões.

O voluntariado sempre esteve fortemente ligado às tradições religiosas. Na concepção de Gillette (2002, p.22) atualmente o trabalho voluntário "atrai até mesmo aos que estão à margem da sociedade". Os voluntários hoje têm o discernimento da necessidade da ajuda ao próximo, não apenas no assistencialismo, mas sim para efetiva promoção humana.

O voluntariado quando organizado, se faz por um grupo de pessoas que dedicam parte do seu tempo às atividades necessárias para a melhoria de suas comunidades, regiões, país, estado e mundo.

Essas atividades são desenvolvidas de maneiras desinteressadas em favor apenas dos mais carenciados, a nível material, espiritual, social e econômico, não se esgotando apenas na própria intervenção, mas na pretensão de irradiar ou modificar as causas da necessidade ou da exclusão social.

Segundo Equipe Social do Campo Grande - Comissão Nacional da Pastoral da Saúde, (p.14) os objetivos precisos de um voluntariado organizado são:

- buscar a promoção das pessoas e dos grupos, através da colaboração efetiva em processos de desenvolvimento global;
- ser elemento integrador, isto é, contribuir para uma relação operante em que todos colaboram e a ação é mesmo de todos;
- fazer crescer, provocando a valorização de todos, quer das pessoas que são apoiadas, quer de quantos integram a equipe de intervenção;
- libertar e humanizar, o que exige a superação de todos os limites e uma relação humana verdadeiramente estabilizadora da comunidade.
- potencializar o máximo das capacidades das pessoas, para que participem na sua própria promoção e no seu desenvolvimento integral.

O trabalho voluntário numa organização empresarial ou numa instituição educacional é extremamente valioso, mas é necessário que levemos em conta a

especificidade dessas ações. Essa especificidade se caracteriza pelo fruto de motivação, do compromisso pessoal assumido, e não por interesse de marketing pessoal para possíveis promoção de cargos, e nem somente com o fim de valorizar a imagem da empresa.

3.3.1 O voluntário

Considera-se o voluntário um cidadão ativo, envolvido e comprometido em programas ou projetos de caráter social, cultural, econômico, tendo a intenção de promover justiça, a paz, a capacitação, a solidariedade entre as pessoas.

Suas ações são de responsabilidades, com horários, periodicidades, metas, que devem ser orientados e acompanhados para o bom desempenho do trabalho, resultando numa satisfação para ele próprio, a organização e as pessoas a serem beneficiadas.

O voluntário se encontra apoiado pela Lei do Voluntariado: Lei n.º 9.608, de 18 de fevereiro de 1998, que "dispõe sobre o serviço voluntário e dá outras providências" sobre o assunto.

Pode-se observar que existem diversas formas de voluntários que aqui classificamos:

- os voluntários individuais, que realizam ações por decisão livre e pessoal;
- os voluntários anônimos, que prestam serviços ocasionalmente às pessoas que o cercam;
- os voluntários organizados, que desenvolvem o trabalho em equipe, com objetivos claros definidos, metas e etapas de ação, avaliando, validando e redimensionando constantemente as suas ações.

Em qualquer instância de trabalho, o voluntário deve ser bem motivado e receber uma tarefa específica e bem definida. Deve também ser capacitado continuamente para realizar essa tarefa; incentivado a fim de rever sua prática;

ser ouvido; favorecido no sentido de vivenciar experiências enriquecedoras; valorizado pelos seus coordenadores; atendido nos recursos necessários para o bom desempenho do trabalho.

No entendimento da pesquisadora, em relação aos projetos sociais desenvolvidos pelo NAC, percebeu-se uma grande satisfação interior por parte os voluntários e um resultado gratificante em relação aos trabalhos por eles desenvolvidos.

3.4 As Parcerias

Em 23 de março de 1999, o Governo Federal aprovou uma nova Lei Lei nº 9.790 regulamentando a existência das Organizações da Sociedade Civil de Interesse público (OSCIP) e, nessa mesma Lei criou o termo parceria, regulando as relações entre as organizações públicas e privadas.

Entende-se por parceria, uma associação de partes para o fortalecimento mútuo, com o objetivo de atingir um determinado fim. Pode-se também conceituar a parceria, como a reunião de indivíduos para atingir objetivos comuns; sociedade, companhia.

As parcerias possuem uma lógica, que é a intercomplementaridade de recursos e capacidades entre as organizações parceiras.

O avanço da gestão moderna, que se leva a execução de trabalhos a uma intensidade muito grande, sempre com menos recursos e em menor tempo, configura-se num desafio absoluto para as organizações sociais.

Nesse sentido, as parcerias podem vir a contribuir com as organizações, no que se refere a iniciar novos projetos, abrir frentes de atuação, fortalecer os projetos já existentes, maximizar os eixos de conhecimento, captar recursos, trabalhar com menos pessoal, economizar nos recursos materiais, sem prejuízo do trabalho. Esta é sem dúvida, uma forma das organizações preencherem suas lacunas e espaços onde não se é tão forte.

Para Noleto (2000), cada organização precisa ser capaz de identificar seu ponto forte, e oferecer à parceria aquilo com que mais pode contribuir e que as parcerias e alianças devem ser baseadas em relações de confiança e cooperação. Afirma, ainda,

que a chave da parceria é permitir que a criatividade esteja presente e possa criar novos processos, estruturas e culturas diferentes para lidar com o projeto.

Os acordos de parcerias verbais, soltos, mal alinhavados devem ser evitados, dando espaço para algo concreto e administrável, para posteriormente ampliar as dimensões do relacionamento.

A transparência de ambas as partes é necessária, bem como a clareza dos objetivos e expectativas, para que realmente se possa melhorar o potencial de cada um, ao contribuir para a parceria e minimizar possíveis desencontros que poderão surgir durante o processo.

Na construção de uma relação honesta, deverão ser definidos elementos que se pretende atingir, como e com o que cada parceiro contribuirá; a periodicidade, formas de divulgação; quem falará em nome do projeto e quais os recursos humanos, financeiros e físicos que estarão a disposição. Os direitos e deveres de cada parceiro devem ser tratados com bastante clareza e responsabilidade.

Para se alcançar o sucesso em relação a parceria, recomenda-se a definição de responsabilidades/atribuições, e que nesta articulação estejam envolvidos e pré-acordados todos os aspectos da proposta.

Nesse sentido, a confiança entre as partes envolvidas, a formalização por escrito, reuniões periódicas para identificação de possíveis problemas, contribui para alcançar uma boa relação entre os parceiros.

Como hoje é comum algumas organizações se apresentarem com contradições éticas, recomenda-se o conhecimento dos parceiros em profundidade, entendendo os riscos envolvidos e se há a possibilidade de estar comprometendo a imagem e a credibilidade da organização.

A autonomia, a missão e a identidade de cada organização deve sem dúvida ser preservada, pois, a parceria não é sinônimo de identidade.

As instituições educacionais, como qualquer outra organização, sente a necessidade de desenvolver as parcerias, visto que, podem oferecer a comunidade o seu *know how* que é a educação. Construindo parcerias, com certeza se

fortalecerá, desde que escolha seu parceiro de modo que, suas relações sejam baseadas na confiança e na cooperação e que também ofereçam o que tem de melhor para o enriquecimento do trabalho.

As parcerias se fizeram necessário nos projetos desenvolvidos pelo Núcleo de Ação Comunitária (NAC) e procurou-se manter uma relação de transparência, honestidade e formalização com os parceiros. Ainda em tempo, verificou-se uma maior facilidade, maior eficiência, mais recursos para o atingimento dos objetivos propostos nestes trabalhos.

4 CAMPO DE APLICAÇÃO: NÚCLEO DE AÇÃO COMUNITÁRIA BOM JESUS

“... quando os indivíduos fazem esforços voluntários, ajudam não apenas a causas ou pessoas isoladas. Eles próprios vivenciam uma transformação...” (Mônica B. Corullón).

O presente pesquisa foi realizada através de um estudo de caso na Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus, que, como instituição educacional tem a sua identidade na filosofia franciscana.

O termo "franciscanismo" tem como raiz o nome de São Francisco de Assis. A sua personalidade e o seu modo de ver e viver o cristianismo impressionaram gerações, sobretudo pensadores que levou à reflexão e, depois, à sistematização do seu modo de pensar e ser.

O franciscanismo vivido e intuído por Francisco e o franciscanismo teórico, doutrinal, elaborado por alguns pensadores, se completam. Os pensadores fundamentam, filosófica e teologicamente, o primeiro. Segundo Bettoni (1963), a Escola Franciscana é uma teoria que se reencontra na vida e uma vida que se exalta na teoria. No franciscanismo, encontramos uma série de situações afetivas: nasceu do amor de São Francisco a Jesus Cristo. No século XIII, quando o franciscanismo entrou na universidade tornou-se filosofia e teologia.

Entende-se por franciscanismo uma experiência de vida, enriquecida pelo amor e pela compaixão ao próximo. O exemplo de São Francisco atravessa os tempos e vão sendo enriquecidos com nossas reflexões, novos contextos e, sobretudo, com novas aplicações concretas.

São Francisco não escreveu nenhum tratado de Pedagogia. Ele educou a seu modo. Usou imagens, contos, parábolas e fatos. Sua estratégia de conquista tinha as seguintes fases: "representar para comover, comover para convencer, prender o

coração para ter o homem inteiro". (ZAVALLONI, 1994). São Francisco, no seu modo de educar, concebeu amplo lugar para a afetividade e para a intuição, sendo o espírito de família essencial no processo educativo.

O franciscanismo se fundamenta na compreensão e no respeito ao indivíduo - que é um bem e deve ser amado, no espírito fraterno - baseado em generoso amor, na doação e não no egocentrismo, na acentuação do voluntarismo (vontade: amor, bondade, liberdade) - que leva a encarar o estudo e a ciência como eminentes práticos, e não somente intelectualistas, isto é, devem estar a serviço da vida, do bem, da ação, do amadurecimento do cristão e do homem; no amor, no interesse que deve alcançar o conhecimento; no respeito diante dos educandos, como sujeitos do seu próprio desenvolvimento; na compreensão fraterna, na educação para autonomia; na oportunidade para vivenciar valores e no desenvolvimento integral da pessoa.

No paradigma franciscano, o eixo central é a pessoa humana concreta. Com base em São Francisco de Assis, busca-se uma educação criadora para a sociedade que se apresenta aberta ao diálogo e democrática, para auxiliar os educandos a se tornarem capazes de ter iniciativas pessoais, conscientes das responsabilidades de suas ações, capazes de tomar decisões racionais e de exercer autodisciplina, capazes de ser solidários nas diversas situações, com leituras de outras realidades. Essa educação se propõe a capacitar as novas gerações para a transformação permanente e orgânica, que o desenvolvimento exige em sua globalidade.

A missão da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus é promover a formação do ser humano e a construção de sua cidadania, de acordo com os princípios cristãos, sob inspiração de São Francisco de Assis, produzindo, sistematizando e socializando o saber científico, tecnológico e filosófico.

A Entidade Mantenedora nasceu com o propósito de formar uma escola para atender famílias curitibanas, principalmente as de origem alemã, preocupadas com a educação e formação religiosa de seus filhos.

Foi na Curitiba de 1896, cidade já cosmopolita, com mistura de etnias, que o padre alemão Franz Auling abriu uma escola mista, na esquina das ruas do Rosário com Saldanha Marinho. Foi inaugurada a Escola Popular Alemã Católica, no dia 11 de maio daquele ano.

Naquela escola primária, o padre Franz começou a ensinar a meninos e meninas, em alemão, completando, assim, as matérias convencionais com fundamentos da religião.

Com a volta do padre Franz para a Alemanha, em 1902, assumem a escola os freis franciscanos. Nessa época, o colégio foi dividido em dois: Bom Jesus, masculino e Divina Providência, feminino.

O tempo passou, consolidando a qualidade de ensino Bom Jesus, sempre atualizando métodos e conceitos.

A Sociedade Civil Ginásio Senhor Bom Jesus foi criada em 1955 e, em 28 de fevereiro do ano seguinte, esta foi sucedida pela Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus.

A Faculdade Católica de Administração e Economia FAE começa a funcionar em 1957, com cursos de graduação na área.

Forma-se o Centro de Desenvolvimento Empresarial em 1974, oferecendo cursos de pós-graduação em diversos campos da Administração e Economia.

O Frei João Crisóstomo Arns em 1981 realiza um sonho ao abrir a Escola Ecológica Bom Jesus Aldeia, revivendo princípios pregados pelo padroeiro São Francisco de Assis. A Aldeia fica no município de Campo Largo, região metropolitana de Curitiba.

No ano do Centenário, ao final de 1996, em Curitiba, começa a implantação do Bom Jesus Água Verde, atendendo da educação infantil ao ensino fundamental.

O Bom Jesus da Água Verde, que começou a funcionar no ano letivo de 1997, foi construído dentro dos modernos conceitos de arquitetura e ocupação de espaços.

Em 1998, a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus agrega a sua instituição educacional, o Colégio Diocesano da cidade de Lages, em Santa Catarina, passando a se chamar Colégio Bom Jesus Diocesano, onde funciona o ensino de Educação Infantil, Ensino fundamental e Ensino Médio.

Ainda em 1998, é incorporado à instituição, o Colégio Canarinhos da cidade de Petrópolis, no Rio de Janeiro, o qual passou a se chamar Colégio Bom Jesus Canarinhos e contempla o ensino de Educação Infantil a Ensino Médio.

Neste mesmo ano é consolidada a anexação por comodato do Colégio Nossa Senhora de Lourdes, na cidade de Curitiba, no Paraná, que passa a se chamar Bom Jesus Nossa Senhora de Lourdes, oferecendo o ensino de Educação infantil a Ensino médio.

Em 1999, o Colégio Santo Antônio de Blumenau, Santa Catarina é por sua vez agregado ao Grupo de Ensino Bom Jesus, o qual oferece o ensino de Educação Infantil a Ensino Médio.

Hoje, o Grupo Bom Jesus é um complexo derivado de vários métodos utilizados e inovados durante décadas, produzindo, sistematizando o saber científico, tecnológico e filosófico, sem esquecer da formação humana de seus alunos.

A área construída da Faculdade e Colégio Bom Jesus, na sede em Curitiba, Paraná é de 19.000 m² e a área livre 1.500 m².

Com o passar do tempo verificou-se a necessidade de ampliar a atuação da entidade, notadamente no segmento do ensino superior, que culminou na criação da "FAE".

A Faculdade Católica de Administração e Economia (FAE) fundada em 29 de maio de 1957, com a denominação de Faculdade Católica de Ciências Econômicas de Curitiba, tendo sido oficialmente instalada em 12 de maio de 1959, conforme ata lavrada no Livro de Registro de Atas da Congregação da Faculdade, nas folhas 1 e 1-v.

O funcionamento da Faculdade de Ciências Econômicas foi autorizado em 16 de abril de 1959, com os cursos de Sociologia e Política, Administração Pública e Ciências

Econômicas. Em 12 de maio, deste mesmo ano, teve início o funcionamento dos referidos cursos.

Para efeito de sua denominação em 1960, passou a Faculdade de Ciências Econômicas, agregada a Universidade Católica do Paraná iniciando o curso de Ciências Econômicas, porém mantendo, no entanto, autonomia jurídica, financeira e patrimonial.

O Instituto de Pesquisa e Sociologia foi fundado em 1962 na faculdade.

O reconhecimento da Faculdade de Ciências Econômicas da Universidade Católica do Paraná, com os cursos de Sociologia e Política, Administração Pública e de Ciências Econômicas, foi concedido em 4 de novembro de 1964.

Através da Portaria 02/67, foi criado o Conselho Universitário da Universidade Católica do Paraná, que autorizou a Faculdade a instalar o curso de Administração, em substituição ao Curso de Sociologia e Política e Administração Pública.

Nesta ocasião a Faculdade passou a denominação de Faculdade de Administração e Economia, vinculada a Universidade Católica do Paraná.

O Curso de Administração para Graduados iniciou-se em 1968.

O Curso de Ciências Contábeis foi autorizado a funcionar em março de 1972, pelo Conselho Universitário da UCP.

O Conselho Federal de Educação confere através do Parecer n. ° 265/72, o reconhecimento ao Curso de Administração da Faculdade, em 10 de março de 1972.

Os cursos ofertados pela Faculdade passaram a funcionar no período matutino e noturno.

Em 1974 inicia-se o funcionamento, do Centro de Desenvolvimento Empresarial, promovendo Cursos de pós-graduação *lato sensu* e Programas Especiais de Treinamento de Executivos nas áreas dos Cursos mantidos pela Faculdade.

O Conselho Federal de Educação estabeleceu que a partir de 1977 a Faculdade de Administração e Economia da Universidade Católica do Paraná passa a ser um estabelecimento isolado, ficando desagregada da Universidade.

A denominação de Faculdade Católica de Administração e Economia (FAE) foi em 04.11.64 pelo Dec. 54.908.

Foi concedida em 03 de fevereiro de 1978, a autorização e reconhecimento do Curso de Ciências Contábeis da FAE.

Foi inaugurada em 13 de março de 1992, a nova sede do Centro de Desenvolvimento Empresarial (CDE), órgão da FAE - Faculdade Católica de Administração e Economia, no mesmo local onde vinham funcionando o Instituto Bom Jesus e o Laboratório Psicotécnico Bom Jesus, sito na Rua Lamenha Lins n.º 750, desativados no ano anterior.

A Faculdade Católica de Administração e Economia em novembro de 1997, passa a chamar-se **Faculdades Bom Jesus**.

A área de conhecimento das Faculdades Bom Jesus (FAE Business School) concentra-se atualmente, nos cursos de graduação em Ciências Econômicas, Administração e Ciências Contábeis, com um contingente de cerca de 2700 alunos matriculados em 2002.

Em paralelo, a partir de 1974 iniciou a oferta de cursos de pós-graduação em nível de especialização nos campos do saber das áreas acima mencionadas. No ano de 2002, conta com 1200 alunos.

A FBJ - Faculdades Bom Jesus hoje representa um marco na sociedade paranaense, no que diz respeito à formação de profissionais qualificados para um mercado cada vez mais exigente. Tem oferecido recursos humanos altamente capacitados não só em relação às questões de ordem científica como também humanística. Por esses motivos tem sido capaz de subsidiar as inúmeras empresas e indústrias que ora se instalam em Curitiba, com a presença de profissionais altamente qualificados e integrados a comunidade.

Inserir um organograma da Associação Franciscana, onde pode-se identificar todas essas unidades e também localizar o NAC.

Dentre as várias unidades administrativas que fazem parte da AFESBJ, destacamos o Núcleo de Ação Comunitária (NAC), que tem como objetivos desenvolver trabalhos de extensão e ação comunitária com o máximo de qualidade acadêmica e compromisso social, na área de atuação da AFESBJ. A figura 1 apresenta a estrutura matricial atual da AFESBJ.

4.1 Núcleo de Ação Comunitária - NAC

A Filosofia de Ação do NAC é buscar um ideal de sociedade mais humana e fraterna, desenvolvendo trabalhos de promoção humana fundamentados nos princípios cristãos e maneira de ser e viver de São Francisco de Assis.

Isso se traduz na conscientização do aluno Bom Jesus/FAE para o compromisso com a solidariedade consigo mesmo e com a comunidade em geral e o despertar para a cultura do voluntariado. Desenvolver trabalhos de extensão e ação comunitária com o máximo de qualidade acadêmica e compromisso social.

A figura 2 apresenta a estrutura matricial do NAC e os projetos desenvolvidos.

A seguir descreveremos as atividades e projetos desenvolvidos pelo NAC.

4.2 Atividades Técnicas e Didáticos-pedagógica

O NAC desenvolve as seguintes atividades:

- Assessoramento ao Programa de Educação Corporativa (EAD).
- Assessoramento as coordenações de Áreas do Centro de Estudo e Pesquisa nos projetos socioeducativos.
- Capacitação de voluntários - professores e alunos.
- Capacitação de Professores na Educação de Jovens e Adultos.
- Capacitação de alunos e professores da FAE para atuação nos projetos de Gestão e Responsabilidade Social.
- Reuniões periódicas para acompanhamento do projeto Bom Aluno (PROBom).

FIGURA 1 - ESTRUTURA MATRICIAL DA ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SENHOR BOM JESUS

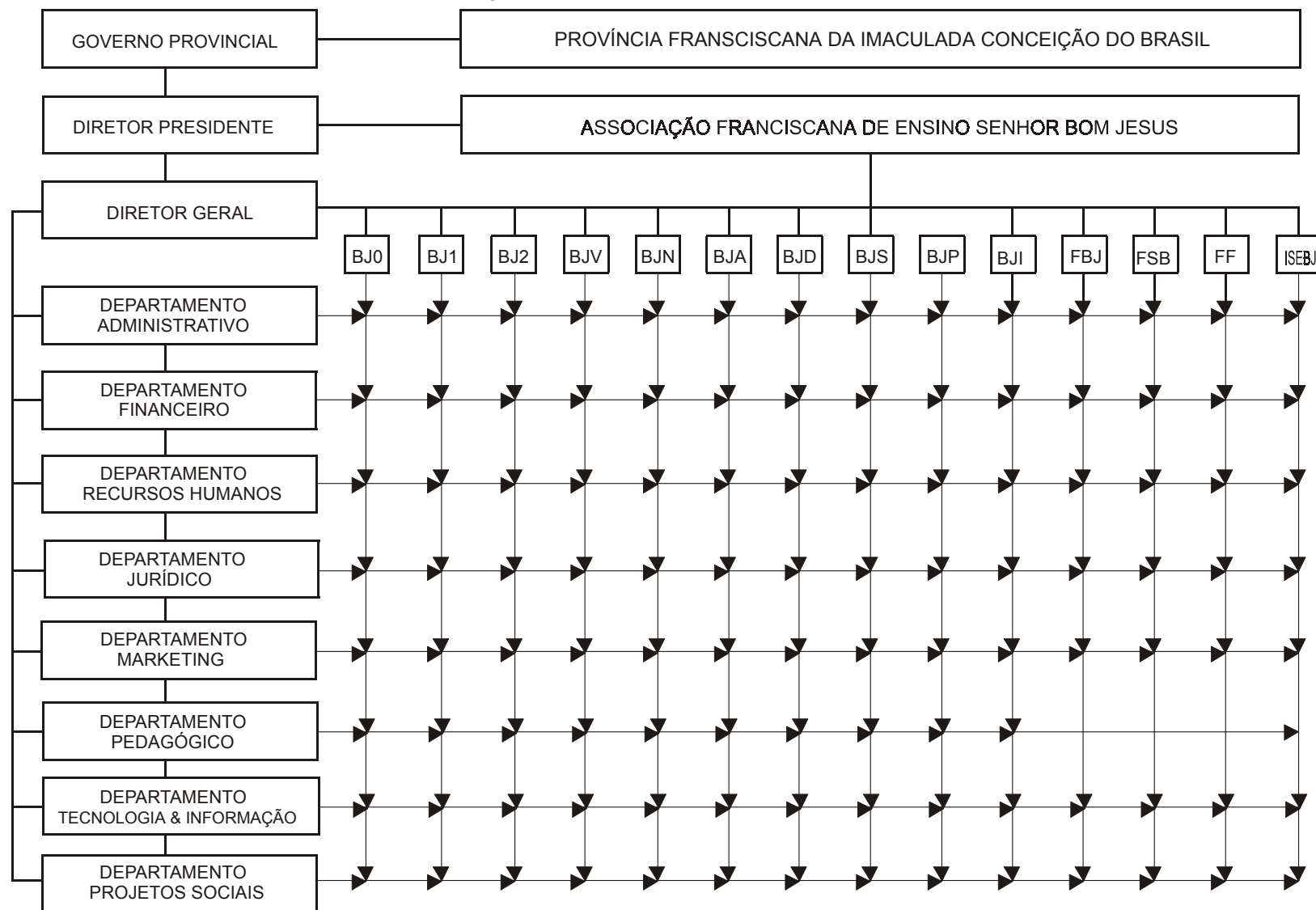
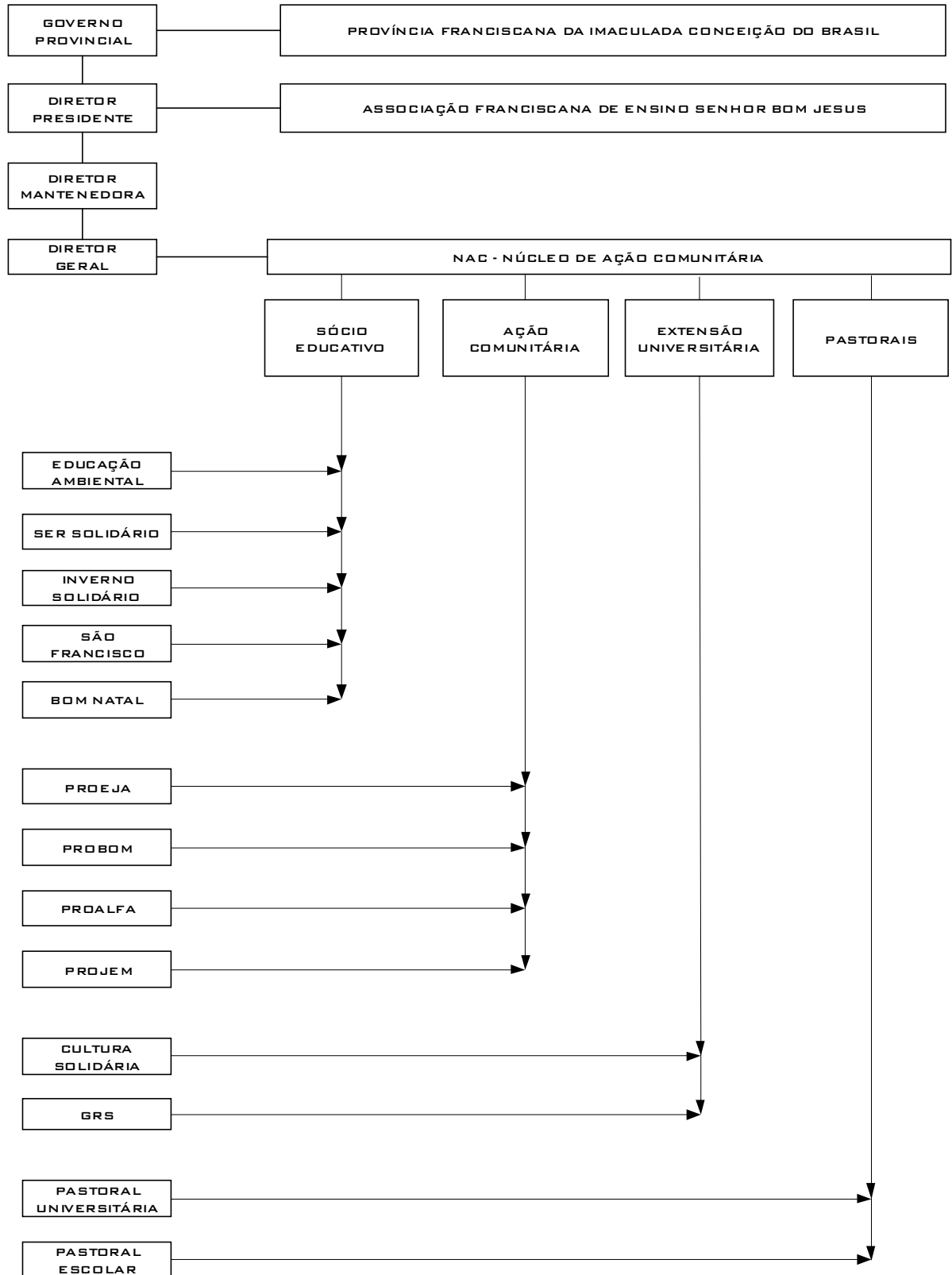


FIGURA 2 - ESTRUTURA MATRICIAL – NÚCLEO DE AÇÃO COMUNITÁRIA (NAC)



- Reuniões periódicas para acompanhamento do projeto Ensino Médio (PROJEM).
- Reuniões periódicas para acompanhamento do projeto indígena.
- Reuniões periódicas para acompanhamento do PROALFA.
- Reuniões periódicas para acompanhamento do PROEJA.
- Visitas técnicas as Instituições assistenciais, comunidades carentes, para diagnósticos e cadastramento no NAC.
- Produção Teórica, importante para os agentes fundamentarem sua prática.
- Elaboração:
 - Planejamento, execução e avaliação de projetos desenvolvidos pelo NAC
 - de Apostilas de Educação de Jovens e Adultos;
 - de Apostilas para capacitação de lideranças Comunitárias
 - Produção dos espetáculos - cultura solidária
 - Planejamento, execução e avaliação de campanhas de apoio a instituições assistenciais e filantrópicas.

O NAC tem cadastradas 108 instituições, entre as quais associações de moradores, asilos, orfanatos, creches, associações de apoio à saúde.

4.2.1 Projetos sócioeducativos

O núcleo de ação comunitária é norteado por quatro eixos, desenvolvidos em projetos:

- Socioeducativos
- Ação comunitária
- Pastorais
- Extensão comunitária

Além destes eixos o NAC desenvolve outros projetos.

A instituição educacional enquanto um dos segmentos sociais tem a função precípua de formar o aluno como um todo, isto é, uma formação que esteja voltada

para os aspectos sociais, morais, éticos, espirituais e afetivos dos sujeitos envolvidos na práxis educativa. A partir daí, verifica-se que muitas propostas educacionais têm sido repensadas e reelaboradas, sobretudo as originárias de instituições que investem na formação integral do ser humano.

Neste contexto a Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus tem uma preocupação em desenvolver em seus alunos a responsabilidade social dentro do espírito humanitário, se propondo a contemplar em todas as áreas do conhecimento a ação pedagógica de estudos e reflexão sobre os temas sociais e a ação solidária favorecendo com campanhas as instituições assistenciais e as comunidades carentes.

Os projetos socioeducativos são destinados aos alunos de Educação Infantil, Ensino Fundamental, Ensino Médio do Bom Jesus e Faculdades Bom Jesus.

- **Objetivo Geral:** desenvolver no aluno Bom Jesus uma consciência ética voltada para a participação política, para a educação ambiental, problemas sociais com comprometimento e sensibilidade solidária.

Os projetos desenvolvidos neste eixo são:

a) **“O Ser Solidário”**

Este projeto é desenvolvido no 1.º bimestre do ano letivo e abrange os alunos de educação infantil e ensino médio.

- **Ação Pedagógica** - 1 semana de estudos e reflexão sobre o tema do *Ser Solidário: O Ser solidário em duas dimensões: O ser consigo mesmo e o ser em relação ao outro e a natureza.* Este estudo acontece em todas as áreas do conhecimento (Projeto Dez Minutos).
- **Ação Solidária** - 1 semana de arrecadação de alimentos não-perecíveis, de material de higiene e limpeza. **Atendimento:** às casas de Apoio à Saúde cadastradas no NAC.

Parceria Interna: Centro de Estudo e pesquisa – AFESBJ.

b) **Educação Ambiental**

É desenvolvido ao longo do ano. Também acontece em todas as áreas de conhecimento (projeto Dez Minutos).

- **Ação Pedagógica** - Estudos sobre as questões ambientais com enfoque na separação do lixo e reciclagem das garrafas PET.
- **Ação Solidária** - Favorece o Projeto Trabalho Construindo Dignidade da Escola Especial Bom Jesus. Periodicidade: ao longo do ano.

Parceria interna: Centro de Estudo e Pesquisa – AFESBJ.

Parceria externa: Empresa Águas Ouro Fino

c) **"Inverno Solidário"**

Este projeto é desenvolvido no 2.º bimestre do ano letivo e abrange os alunos de educação infantil à Faculdades Bom Jesus.

- **Ação Pedagógica** - 1 semana de estudos e reflexão sobre o tema: Exclusão e Solidariedade. Acontece em todas as áreas de conhecimento (Projeto Dez Minutos).
- **Ação Solidária** - 1 semana de arrecadação de peças de roupas, agasalhos e outros. **Atendimento**-instituições assistenciais e associações de comunidades carentes, cadastradas no NAC.

Parceria Interna: Centro de Estudo e Pesquisa - AFESBJ.

d) **"São Francisco"**

Este projeto é desenvolvido no 3º bimestre do ano letivo e abrange os alunos de educação infantil à Faculdades Bom Jesus. Contempla as comemorações da semana Franciscana.

- **Ação Pedagógica** - uma semana de estudos e reflexão sobre a vida de São Francisco. Acontece em todas as áreas de conhecimento (Projeto Dez Minutos).
- **Ação Solidária:** uma semana de arrecadação de alimentos não perecíveis destinadas as instituições Assistenciais, comunidades carentes castradas no NAC.

Parceria Interna: Centro de Estudo e Pesquisa - AFESBJ.

e) "**Bom Natal**"

Este projeto é desenvolvido no 4.º bimestre do ano letivo e abrange os alunos de educação infantil à Faculdades Bom Jesus e, objetiva o encerramento dos projetos socioeducativos.

- **Ação Pedagógica** - reflexão sobre a espiritualidade do Natal realizada por todas as ares do conhecimento.
- **Ação Solidária** - arrecadação e doação de brinquedos a creches, asilos, orfanatos e associações.

Projeto Árvore Solidária - destinado aos professores e funcionários da Instituição Bom Jesus. Assiste às instituições que atendem o público adulto (idosos, dependentes químicos, Casa de Apoio a gestante Carente e outras).

Parceria Interna: Centro de Estudos e Pesquisa - AFESBJ.

4.2.2 Projetos de ação comunitária

O Bom Jesus enquanto Instituição Educacional tem como identidade a filosofia franciscana. A maneira de ver e viver o cristianismo de São Francisco de Assis impressionou gerações, principalmente estudiosos que após reflexão sistematizaram o seu modo de ser e pensar. A filosofia franciscana se fundamenta: na compreensão e no respeito ao indivíduo que é um bem e deve ser amado; na compreensão fraterna; no desenvolvimento da cultura do voluntariado/solidariedade encarando a ação do amor, bondade, liberdade e doação não como eminentes intelectualistas, mas sim com elementos práticos, estando assim a serviço da vida, do bem, da ação e do homem.

Nesse sentido, o Núcleo de Ação Comunitária do Bom Jesus contempla quatro projetos de ação educativa. Objetiva-se dessa forma oportunizar a escolarização e retomada da mesma para pessoas de baixa renda, que por motivos diversos, foram excluídos desse contexto. Também favorece aos adolescentes carentes, o Ensino

Médio Especial sendo os mesmos filhos de funcionários da Prefeitura que têm por renda de um a cinco salários mínimos. Ainda nesse contexto oportuniza a alunos talentosos, classificados como bons alunos oriundos de famílias de menor renda, a cursar a 8.^a série, o Ensino Médio com gratuidade de 100% e a Faculdades Bom Jesus com bolsa de 50%.

Os projetos de ação comunitária desenvolvidos pelo NAC são:

a) **Projeto Voluntário de Alfabetização de Jovens e Adultos (PROALFA)** com sede na unidade Bom Jesus Água verde - 2.^a a 5.^a feira - professores voluntários.

- **Público-alvo:** pessoas de baixa renda como: catadores de papel do Parolim, colaboradores de pais de alunos e comunidade em geral. São 2 salas com 15 alunos cada uma.

Total de alunos atendidos: 60 alunos ao ano.

O tempo de alfabetização é o tempo do aluno. Estes alunos são contemplados com os projeto **Valorizando a Vida** (Palestra sobre a Cultura da Paz, Sexualidade, Espiritualidade) e também o projeto **Artes e Raízes**.

Parceria: Secretaria Municipal da Criança-regional do bairro Portão - Encaminha alunos para o projeto, sendo familiares de crianças envolvidos em seus programas.

a) **Programa de Educação de Jovens e Adultos (PROEJA)** com sede no Colégio Bom Jesus Nossa Senhora de Lourdes. 1.^a a 4.^a série – 2.^a a 6.^a feira São também contemplados com os projetos de Informática, Coral, Cultura da Paz e espiritualidade.

- **Público-alvo:** pessoas de baixa renda da região de Curitiba, região metropolitana e comunidade em geral. São 4 salas com 15 alunos cada uma.
- **Total de alunos atendidos:** 120 alunos ao ano
- **Parceria:** Secretaria Municipal da Criança- regional do bairro Cajuru – encaminha alunos para o projeto de familiares das crianças envolvidos em seus programas.

c) **Projeto de Ensino Médio (PROJEM)** Bolsas de estudos -100%

Parceria com da Prefeitura M. de Curitiba. Local: Colégio Bom Nossa Senhora de Lourdes – 2.^a a 6.^a feira no ensino regular.

- **Público-alvo:** as bolsas de estudos são concedidas aos filhos de funcionários da prefeitura de baixa renda que possuam um grande compromisso com a educação.
- **Total de alunos atendidos:** 54 alunos
- **Parceria:** Secretaria Municipal de recursos humanos – recruta os alunos a nível socioeconômico de filhos de seus funcionários e encaminha para o teste seletivo em nível de conhecimento (responsabilidade – Bom Jesus).

d) **Projeto Bom Aluno (PROBOM) BOM JESUS BOM ALUNO** que em 2002 oferece ensino gratuito (100%) de 8.^a série a 25 alunos e 30 alunos no ensino Médio no Bom Jesus Nossa Senhora de Lourdes e 08 alunos nas Faculdades Bom Jesus (gratuidade de 50%).

- **Parceria:** Instituto Bom Aluno - Empreendimentos Pinhais Ltda. - que recruta os aluno a nível socioeconômico, em nível de comprometimento com a escola e encaminha para teste seletivo de conhecimento no Bom Jesus.

A Dimensão Comunitária do Bom Jesus envolve e compromete os seus professores, alunos e funcionários dentro desse processo, procurando contribuir para uma sociedade mais humana e fraterna.

O Bom Jesus quer com sua práxis se colocar a serviço da Educação Comunitária. Segundo o Documento n.º 47 da CNBB sobre Educação, Igreja e Sociedade "a educação deve tornar o educando em sujeito, não só do seu próprio desenvolvimento, mas também posto a serviço do desenvolvimento da comunidade: educação para o serviço". (1992).

4.2.2.1 Pastoral escolar e universitária

Os projetos da Pastoral Escolar são destinados aos alunos do ensino fundamental e a Pastoral Universitária aos alunos das Faculdades Bom Jesus.

Pastoral Escolar

A Pastoral é uma atividade que trata das questões do cultivo da Fé e dos Valores Cristãos-Franciscanos em no contexto de uma organização educacional.

Pastoral é um termo que advém de "pastor", aquele que cuida, que une, reúne, orienta, que articula, que enfim conduz seu rebanho e guarda suas vidas.

Zelar pela vida e o jeito franciscano de chamar pessoas à vivência dos Valores Evangélicos é uma "boa nova" no coração da humanidade principalmente no contexto escolar.

O Regimento Escolar das Unidades de Ensino Bom Jesus nos art. 20 e 21 assim legisla: "A orientação Pastoral é o órgão responsável pela formação humano-cristã das pessoas ligadas a Educação dentro da instituição. Promoverá:

- a) atividades, momentos que favoreçam a vivência de valores cristãos;
- b) diálogo ecumênico com as famílias de diferentes convicções religiosas;
- c) celebrações;
- d) o planejamento anual referente à formação humano-cristã da comunidade escolar etc.

As unidades Bom Jesus de Ensino procuram desenvolver seus trabalhos junto aos alunos, pais, professores e funcionários.

Os trabalhos desenvolvidos favorecem 1700 alunos com a formação cristã e humana através dos Encontros de catequese. Uma vez na semana é oferecida a celebração eucarística nas unidades a todos os professores, pais e alunos. São também oferecidos celebrações a todos da Comunidade Bom Jesus na semana santa, dia das mães, dia dos pais, semana franciscana, formatura, primeira eucaristia, aniversário de fundação da unidade de ensino etc. Outros trabalhos desenvolvidos pela Pastoral Escolar:

- grupo de Convivência atende pré-adolescentes na sua formação humana
- grupo de Jovens atende adolescentes na sua espiritualidade
- projeto renovação tem o objetivo do diálogo entre a família e a escola

Pastoral Universitária

A Pastoral Universitária é um dos setores da Conferência Nacional dos Bispos do Brasil. Professores, estudantes universitários e leigos, com apoio dos bispos, sacerdotes e religiosos, vêm tornando possível à presença da igreja no mundo da Universidade, por meio de grupos estruturados em torno da partilha de vida, oração, estudos e reflexão e ação evangelizadora e pastoral, pelo serviço, diálogo e anúncio em seu meio específico.

A Pastoral Universitária procura traçar o elo entre a faculdade e a comunidade de modo a contribuir para a formação da consciência crítica e ética da vida e do exercício profissional, principalmente criando um espaço para revisão de valores pessoais, possibilitando maior participação de seus protagonistas no meio universitário e social.

A Pastoral Universitária nas Faculdades Bom Jesus existe desde 1998 e tem como objetivo específico à formação do ser humano e a construção de sua cidadania de acordo como os princípios cristãos-franciscanos. Para tanto cultiva a fé vivenciando a espiritualidade por meio de:

- a) formação de grupos de jovens;
- b) missas;
- c) celebrações; estudos e reflexão;
- d) Encontro de Jovens;
- e) trabalho comunitário: projetos culturais e espirituais - Páscoa, Festa Junina, Bom Natal - Casa Maternal Tia Paula (atendimento as gestantes carentes).

4.2.2.2 Extensão comunitária

Os projetos de extensão comunitária são destinados aos alunos das Faculdades Bom Jesus e tem como objetivo desenvolver a gestão e responsabilidade social.

Desenvolvimento de Lideranças Comunitárias

Entende-se que a Universidade é um espaço de pesquisa, ensino e extensão. Nessa perspectiva, faz-se necessária uma política que articule o diálogo com a sociedade no intuito de socializar os conhecimentos produzidos pela humanidade bem como disseminar novos conhecimentos numa perspectiva ética e transformadora.

Neste sentido a parceria entre as instituições de ensino superior, comunidade e poder público se faz necessária para que se efetivem discussões sobre os problemas sociais de cada região e suas prioridades, visando estratégias para o enfrentamento da realidade.

Para tanto, as Faculdades Bom Jesus, mediante os cursos de Economia, Contábeis e Administração, busca contribuir com a formação de líderes comunitários e dirigentes de associações de moradores, onde serão formadas equipes multidisciplinares com os estudantes e professores voluntários dos cursos acima citados.

A parceria entre as Faculdades Bom Jesus, Fundação Social do Município de Curitiba e da Federação das associações de Moradores de Curitiba e região metropolitana garante a formação futura, a partir de cursos de capacitação, de líderes comunitários para atuar na comunidade como empreendedores, disseminando e multiplicando os conhecimentos e práticas adquiridas para sua comunidade e municípios contribuindo com as áreas de educação, saúde, meio ambiente e geração de emprego e renda.

- **Objetivo:** Capacitar os dirigentes das associações de moradores e/ou líderes comunitários, a fim de melhorar o gerenciamento da associação bem como suas ações comunitárias.
- **Público-alvo:** Dirigentes das Associações de Moradores e lideranças comunitárias do Município de Curitiba e Região Metropolitana.

Projeto de apoio à Aldeia Karuguá Guarani

Este projeto permite uma atividade de extensão comunitária de qualidade acadêmica com o máximo de compromisso social, neste caso ligado a questão indígena.

Em dezembro de 1999 constituiu-se a nova Aldeia Guarani na região metropolitana de Curitiba, terra já habitada, em tempos idos, por seus ancestrais. Dez famílias, num total de 62 pessoas, entre adultos e crianças. O Projeto de Apoio a Aldeia Karuguá Guarani (Arco Íris) oferece recursos a esta comunidade indígena guarani situada nos Mananciais da Serra, barragem da Sanepar, município de Piraquara, PR.

Os membros da Aldeia trabalham muito para de manter sua cultura, falando entre eles a língua guarani, confeccionando os artesanatos tradicionais, fazendo os rituais de cantos e danças todo o dia ao anoitecer na Opa (casa da reza). Com muita simplicidade, recebem visitas dos brancos e gostam de apresentar, dentro da casa da reza, seus cantos e danças, executadas particularmente pelas crianças e jovens.

•**Objetivos:** Formação para o exercício da profissão, com o máximo de responsabilidade social, nas questões indígenas.

Os benefícios oriundos deste projeto além das atividades educativas são:

- 1) Reprodução do CD Ambá Werá
- 2) Cesta básica
- 3) Construção da escola Anbyá Andurá (sabedoria guarani)
- 4) Barracão para reuniões ou festas
- 3) Possibilidade de instalar um **telefone público**
- 5) *Homepage* Karuguá

Projeto Cultura Solidária

Este projeto é destinado aos acadêmicos dos cursos de Administração, Contábeis e Economia e aos alunos do ensino fundamental.

- **Objetivo:** levar mensagem educativo-cultural, afeto e alegria para as pessoas menos favorecidas.
- **Público-alvo:** instituições assistenciais e comunidades carentes.

Atividades Desenvolvidas

- **Apresentação do coral:** alunos das respectivas unidades Bom Jesus apresentam o trabalho em diversas instituições assistenciais aos sábados (uma vez ao mês).
- **Apresentação de teatro:** alunos das Faculdades Bom Jesus e ensino médio apresentam o trabalho em diversas instituições assistenciais aos sábados (uma vez ao mês).

É realizado um lanche comunitário após as apresentações tanto de teatro como de coral.

4.2.2.3 Outros projetos desenvolvidos pelo NAC

Projeto de Voluntários Paz e Bem

Este projeto surgiu da necessidade de comprometer pessoas para o desenvolvimento operacional dos projetos acima descritos.

- **Objetivo:** despertar nos colaboradores e alunos Bom Jesus a sensibilidade solidária oportunizando-os a desenvolver um trabalho comunitário dentro da própria instituição.
- **Número de voluntários:** 84 colaboradores.

Projeto Sábado Feliz

O projeto Sábado Feliz é destinado aos colaboradores e familiares das unidades e faculdades Bom Jesus

As atividades acontecem uma vez por mês, no período da tarde, com o propósito de dar apoio afetivo e espiritual a crianças, idosos, dependentes químicos, etc. Regado de muita música, recreação, esportes e o lanche de confraternização oferecido pelos funcionários.

Projeto Reaproveitamento de Materiais

O Projeto de Reaproveitamento de Materiais busca doar todos os tipos de materiais que não estão sendo utilizados pela instituição, pelos alunos, professores ou outros colaboradores. O Público atendido são comunidades carentes, instituições assistenciais que se encontra cadastrado no NAC.

Pelo fato das comunidades e das pessoas carentes serem de baixa renda e terem poucos recursos são, na sua maioria, mantidas por doações. Elas necessitam, portanto, destes materiais já usados.

Objetivo geral

Favorecer as pessoas e as comunidades necessitadas com o material fora de uso a ser arrecadado, na intenção de que o seu reaproveitamento contribua para a humanização e a socialização dos beneficiados.

Materiais que podem ser doados:

- Material de informática.
- Materiais de artes e educação física.
- Material de construção.
- Materiais didáticos.
- Material para salas de aula (quadro negro, cadeiras, carteiras etc.).
- Sobra de papéis.
- Vários outros tipos de materiais doados por alunos, pais de alunos, funcionários, professores e outros.

4.2.2.4 Parceria em projetos

O NAC desenvolve a parceria com o Centro Social Franciscana da Igreja Bom Jesus (Província Franciscana da Imaculada Conceição do Brasil): assessoramento pedagógico, técnico e de formação humana.

Projeto de Informática

Este projeto atende a jovens carentes que por vários determinantes se encontram excluídos do mercado formal de trabalho. Neste sentido o centro social franciscano e o NAC se uniram para desenvolver o curso básico de informática com a intenção de capacitar os jovens carentes e incluí-los no mercado de trabalho.

O Núcleo de Ação Comunitária é responsável pela assessoria técnica e pedagógica, pela elaboração das apostilas, capacitação dos professores e pelas palestras de formação humana.

O Centro Social Franciscano, por sua vez fornece o espaço pedagógico, isto é os laboratórios de informática e todo material necessário para o bom aprendizado dos alunos.

- **Objetivo:** Inserção social no mercado de trabalho formal de jovens de baixa renda, feito através da capacitação do curso básico de informática e palestras de formação humana.

Projeto de Corte e Costura

Este projeto se destina a senhoras de baixa renda da comunidade de Curitiba.

Neste sentido o Centro Social Franciscano e o NAC uniram –se para desenvolver este projeto profissionalizante.

Objetivo

Promoção Humana das pessoas de baixa renda, capacitando-as para a inserção no mercado de trabalho como autônomas ou na indústria da confecção.

4.2.2.5 Parcerias internas e externas

Para o desenvolvimento das atividades do NAC conta-se com a colaboração de parcerias internas e externas, as quais citamos a seguir.

a) Parcerias Internas

- Centro de Estudo e Pesquisa Bom Jesus
- Unidades Bom Jesus
- Faculdades Bom Jesus

b) Parceiras Externas

- FAS - Fundação de Ação Social.
- FEMOCLAN- Federação das Associações de Moradores de Curitiba e região metropolitana.
- Pastoral da Criança.
- Instituto Dedé Mocellin - Empresas Água Ouro Fino.
- Pastoral Social da Cúria metropolitana de Curitiba.
- Instituto Bom Aluno.
- Secretaria Municipal de Recursos Humanos.
- Companhia de Informática do Paraná - Celepar.
- ONGs - cadastradas no NAC.

4.2.2.6 Sustentabilidade dos projetos

Estes projetos fazem parte da política de responsabilidade social da Instituição Bom Jesus, norteadas pelos princípios cristãos a exemplo de São Francisco de Assis de Promoção humana. São sustentados também pelos colaboradores atuantes nos projetos e alunos voluntários.

A parceria interna e externa contribui com o que propõe na sustentabilidade dos projetos.

4.2.3 Área de atuação do NAC

A área de abrangência de atuação dos projetos do NAC é Curitiba, capital do estado do Paraná.

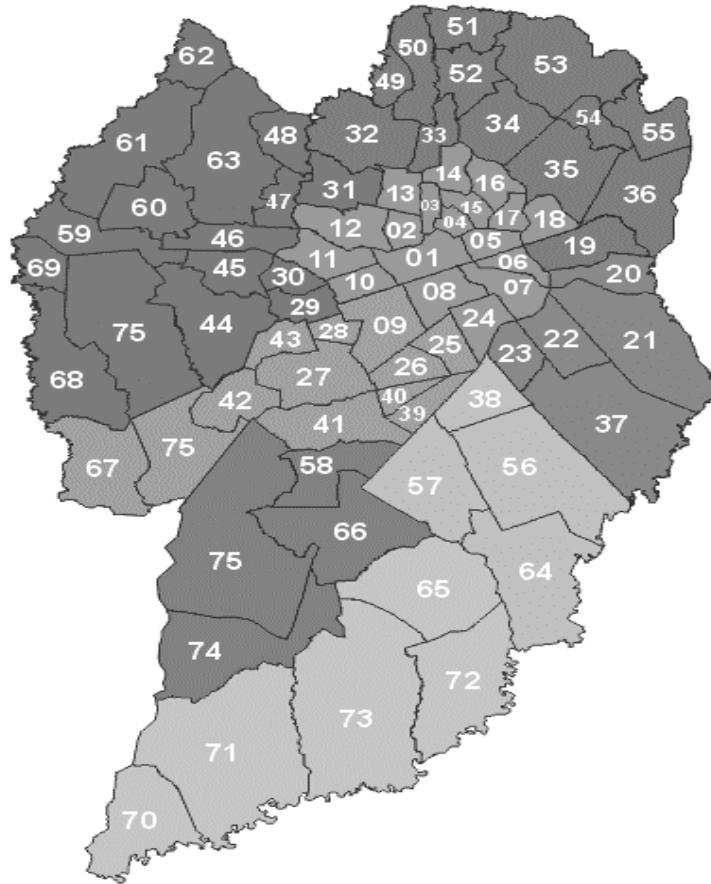
Descreve-se abaixo os projetos desenvolvidos pelo NAC por área de abrangência:

- Área de abrangência - Bairro Novo: 65-70-72-73.
 - Projetos: Projem - Inverno Solidário - Projeto São Francisco - Bom Natal.
- Área de abrangência - Bairro Cajuru: 20-21-23-37.
 - Projetos: Capacitação de Líderes - Cultura (solidária - teatro) - Projeto Bom Natal - Projeto Inverno Solidário - Proeja.
- Área de abrangência - Bairro St^a Felicidade: 46-47-48-60-61-62-63-69.
 - Projetos: Cultura solidária (teatro e coral) - Capacitação de líderes - Sábado feliz - O SER Solidário - Bom Natal
- Área de abrangência - Matriz: 01-02-03-04-05-06-07-08-10-11-12-13-14-15-16-17-18.
 - Projetos: Proeja, Probom, Proalfa, Sábado Feliz, Pastoral Universitária, Capacitação de Líderes, Cultura Solidária (teatro e coral), Inverno Solidário, Ser Solidário.
- Área de abrangência - Bairro Boa Vista: 32-33-34-35-36-49-50-51-52-53-54-55.
 - Projetos: Inverno solidário - O Ser Solidário - São Francisco - Bom Natal - Proeja - Projem - Capacitação de Líderes.
- Área de abrangência - Bairro Boqueirão: 38-55-57-64.
 - Projetos: Cultura Solidária (teatro) - Capacitação de Líderes - São Francisco - Bom Natal.
- Área de abrangência - Bairro Pinheirinho: 58-66-74-75.
 - Projetos: Sábado Feliz - Capacitação de Líderes - Inverno Solidário - São Francisco - Bom Natal.

- Área de abrangência Portão: 09-25-26-27-28-39-40-41-42-43-44-67-75.
 - Projetos: Cultura Solidária (teatro e coral) - Capacitação de Líderes - Sábado Feliz - O Ser Solidário - Inverno Solidário - Proalfa - Projem - Probom - São Francisco - Bom Natal

A figura 3 apresenta a área geográfica de atuação dos projetos do NAC.

FIGURA 3 - ÁREA GEOGRÁFICA DE ATUAÇÃO DO NAC – BAIRROS DE CURITIBA



LEGENDA - BAIRROS					
N.º	BAIRRO	N.º	BAIRRO	N.º	BAIRRO
01	Centro	26	Guairá	51	Cachoeira
02	São Francisco	27	Portão	52	Barreirinha
03	Centro Cívico	28	Vila Izabel	53	Santa Cândida
04	Alto da Glória	29	Seminário	54	Tingui
05	Alto da Rua XV	30	Campina do Siqueira	55	Atuba
06	Cristo Rei	31	Vista Alegre	56	Boqueirão
07	Jardim Botânico	32	Pilarzinho	57	Xaxim
08	Rebouças	33	São Lourenço	58	Capão Raso
09	Água Verde	34	Boa Vista	59	Orleans
10	Batel	35	Bacacheri	60	São Braz
11	Bigorrião	36	Bairro Alto	61	Butiatuvinha
12	Mercês	37	Uberaba	62	Lamenha Pequena
13	Bom Retiro	38	Hauer	63	Santa Felicidade
14	Ahú	39	Fanny	64	Alto Boqueirão
15	Juvevê	40	Lindóia	65	Sítio Cercado
16	Cabral	41	Novo Mundo	66	Pinheirinho
17	Hugo Lange	42	Fazendinha	67	São Miguel
18	Jardim Social	43	Santa Quitéria	68	Augusta
19	Tarumã	44	Campo Cumprido	69	Riviera
20	Capão da Imbuia	45	Mossunguê	70	Cachimba
21	Cajuru	46	Santo Inácio	71	Campo de Santana
22	Jardim das Américas	47	Cascatinha	72	Ganchinho
23	Guabirota	48	São João	73	Umbará
24	Prado Velho	49	Taboão	74	Tatuquara
25	Parolim	50	Abranches	75	Cidade Industrial

5 ASPECTOS METODOLÓGICOS

A forma como a metodologia foi tratada neste trabalho se constituiu num sistema organizado de informações sobre os objetos tendo como característica fundamental a sua verificabilidade.

A realização desta pesquisa envolveu duas etapas. Na primeira etapa realizou-se uma pesquisa exploratória, de caráter bibliográfico, para o levantamento de referencial teórico relacionado aos conceitos de ação social, responsabilidade social e voluntariado. Na segunda etapa realizou-se uma pesquisa descritiva interpretativa, a partir da análise documental das atividades desenvolvidas pelo Núcleo de Ação Comunitária e levantamento de dados a partir de questionários junto a alunos e colaboradores do NAC.

O estudo de caso é o método que caracteriza a segunda etapa desta pesquisa. Pretende analisar um núcleo específico de uma instituição educacional, pois segundo Bruyne, citado por MOISEICHYK (2001), este método permite o estudo em profundidade de casos particulares, possibilitando uma análise intensiva e minuciosa acerca de uma organização.

As intenções deste estudo são decorrentes da pesquisa de uma instituição educacional confessional associadas às questões de responsabilidade social.

Esta pesquisa é do tipo descritiva exploratória, pois objetiva descrever de forma aprofundada determinada realidade, além de possibilitar o levantamento de outros possíveis problemas de pesquisa. (TRIVIÑOS, 1987).

A metodologia será qualitativa com recursos de análise interpretativa, e se remete ao comprometimento dos alunos e colaboradores em relação às ações sociais desenvolvidas pelo NAC.

A utilização das técnicas qualitativas pode favorecer as pessoas a revelarem seus sentimentos (ou a complexibilidade e intensidade dos mesmos).

Segundo Spencer, citado por Moiseichyk (2001), o modo como as pessoas falam de suas vidas é importante; a linguagem usada e as conexões realizadas revelam o mundo como é percebido pelas pessoas.

Os instrumentos específicos da pesquisa incluem: um questionário para colaboradores da instituição, outro para alunos do ensino fundamental regular e outro para alunos carentes da educação de jovens e adultos.

5.1 Caracterização da Amostra de Estudo

Este estudo de caso tem como objetivo avaliar analiticamente a cultura dos projetos sociais do NAC na Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus no que se refere à responsabilidade social.

O NAC é um agente que visa contribuir no desenvolvimento de profissionais e alunos para o despertar da sensibilidade solidária e atua em todas as unidades Bom Jesus.

Existe por parte da pesquisadora um conhecimento considerável dos projetos do NAC e do sub-grupo selecionado, visto que esta faz parte do quadro de colaboradores no projeto da instituição, elegeu-se a amostragem de dois relevantes projetos, o Proalfa e Meio Ambiente, pertencentes aos eixos norteadores Ação Comunitária e Projetos Sociais.

A importância da intencionalidade da amostra é utilizada segundo Walker, citado por Moiseichyk (2001), por esta permitir que seja retirado um pequeno número de pessoas com características específicas, comportamento ou experiência, os quais podem ser postulados para oferecer diferentes perspectivas do problema.

Na primeira etapa desta pesquisa não foi utilizada amostra. Para a segunda etapa da pesquisa foram consideradas as seguintes amostras:

5.1.1 Proalfa

Neste projeto o objeto de estudo são os alunos, atualmente, em número de 30. Destes foram escolhidos 10 para participar da pesquisa, o que corresponde a uma amostra de 30 % da população.

5.1.2 Meio ambiente

Os objetos de estudo são os alunos do ensino fundamental que atuam neste projeto. Atualmente, em número de 80. Destes foram escolhidos 24 para participar da pesquisa, o que corresponde a uma amostra de 30 % da população.

5.1.3 Colaboradores

Hoje temos 84 colaboradores atuantes no projeto da AFE. Senhor Bom Jesus que atuam como voluntários nos diversos projetos desenvolvidos pelo NAC. Destes foram escolhidos 25 para participar da pesquisa, o que corresponde a 30% da população.

5.2 Coleta de Dados

5.2.1 Instrumentos de coleta de dados

Para o levantamento de dados foram utilizados questionários que foram aplicados na amostra apresentada no item 5.1. A seguir apresentamos a abordagem seguida nas três amostras escolhidas.

5.2.1.1 Proalfa

Neste questionário, as perguntas destinadas aos alunos do Proalfa foram abertas, através de expressão oral, que foram anotadas pela entrevistadora tendo a intenção de verificar a *periodicidade no projeto*, o *sentimento de iniciar ou retomar a escolarização*, o *que melhorou na sua vida com a participação no projeto* e *como se sente acolhido pelos profissionais do projeto* (Apêndice 1).

5.2.1.2 Meio Ambiente

No questionário realizado para os alunos do ensino fundamental (7.^a série) do projeto meio ambiente, as perguntas foram abertas e tiveram o objetivo de verificar o *motivo que o levou a participar do projeto, os sentimentos que permeiam sua atuação neste projeto, as possíveis mudanças em sua vida, como vê a parceria externa* (Instituto Dedé Mocellin) (Apêndice 2).

5.2.1.3 Colaboradores

Nos questionários foram realizadas perguntas abertas destinadas aos colaboradores atuantes no projeto da instituição a fim de verificar *sua motivação na participação dos projetos, suas ações desenvolvidas, a possibilidade de alguma mudança na sua vida e na vida das pessoas beneficiadas pelos projetos* (Apêndice 3).

5.2.2 Pesquisadores

A aplicação e a análise dos questionários foi realizada pela própria pesquisadora.

5.3 Análise dos Dados

As respostas dos questionários dos alunos do PROALFA, alunos do ensino fundamental que participaram do projeto Meio Ambiente e colaboradores do NAC foram transcritas e registradas para análise posterior. Importante considerar que a transcrição não respeitou a resposta na íntegra, apreciando trecho ou trechos que merecem maior atenção. As respostas que apresentaram semelhança nas idéias foram agrupadas em categorias.

6 APRESENTAÇÃO DOS DADOS E ANÁLISE DOS RESULTADOS

Neste capítulo serão apresentadas a análise e interpretação dos dados dos questionários de acordo com a metodologia aplicada. Serão apresentadas as respostas dos colaboradores e alunos atuantes e participantes nos projetos da Associação Francisca Senhor Bom Jesus, realizando uma análise interpretativa das mesmas para embasamento das constatações e conclusões que permeiam o presente trabalho.

Para contribuição nas constatações que foram aferidas no transcorrer da apresentação e interpretação dos dados serão também apresentados trechos das entrevistas realizadas.

6.1 Colaboradores

Os colaboradores atuantes nos projetos do NAC da Associação Franciscana de Ensino Senhor Bom Jesus desenvolvem ações de promoção humana perante a comunidade. A sua contribuição nesta pesquisa foi para validar:

- Tipo de motivação;
- Alterações comportamentais;
- Mudança na vida dos beneficiados.

6.1.1 Caracterização da amostra

Neste projeto foram entrevistados 25 colaboradores atuantes nos projetos sociais, com as seguintes funções:

FUNÇÃO	QUANTIDADE
Assessoria pedagógica	05
Educação física	04
Coordenação de projetos sociais	02
Informática	02
Musicalização	01
Artes	02
Professora (2º série)	01
Geografia	02
Estagiária	01
Auxiliar de secretaria	01
Assistente administrativo	01
Estudante de pós-graduação	01
Ensino religioso	02

A adesão aos projetos do NAC acontecem a partir do momento em que os projetos são apresentados nos seguintes eventos:

- Semana pedagógica;
- Semana cultural;
- Semana de gestão e negócios;
- Boletim bimestral do NAC.
- Incentivo de profissionais já participantes.

A diversidade de funções dos participantes do NAC se dá pelo fato da sensibilidade solidária ser inerente ao ser humano, e pelo encaminhamento dado pelo NAC durante o seu trabalho de adesão.

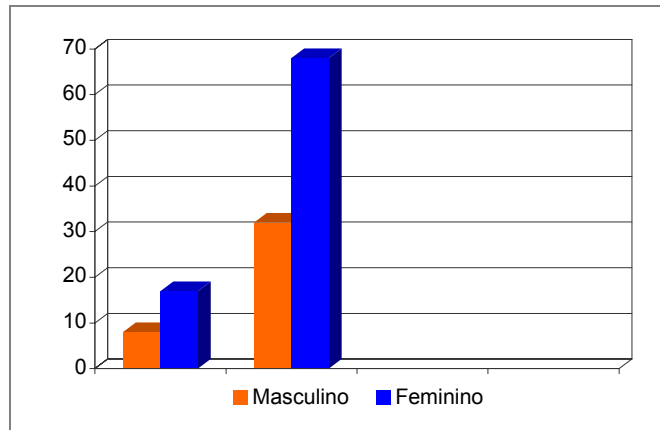
A distribuição da amostra por sexo:

TABELA 1 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE SEXO

SEXO	Abs.	(%)
Masculino	08	32
Feminino	17	68
TOTAL	25	100

FONTE: Pesquisa de campo

GRÁFICO 1 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE SEXO

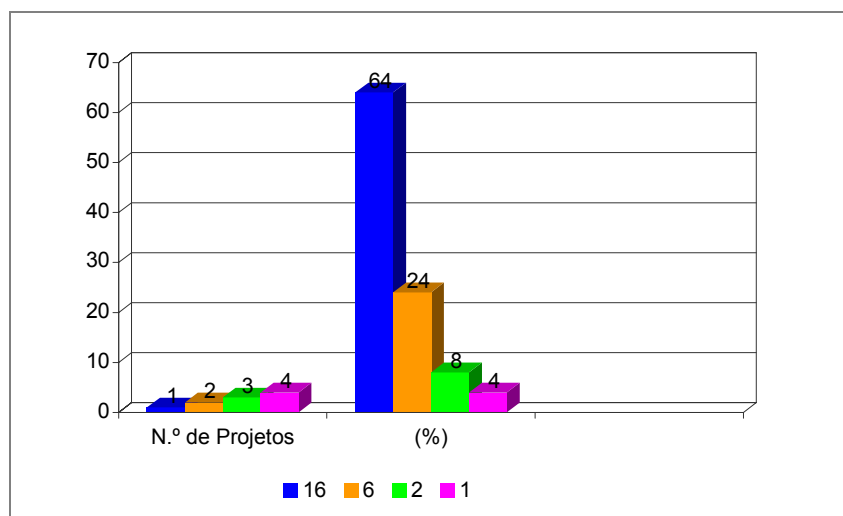


- A amostra por sexo apresenta a predominância do sexo feminino. A pesquisadora pressupõe que o sexo feminino tem uma maior facilidade de demonstrar a sensibilidade solidária.

TABELA 2 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS

PARTICIPANTES	NÚMERO DE PROJETOS	(%)
16	1	64
6	2	24
2	3	8
1	4	4
TOTAL	10	100

GRÁFICO 2 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE PARTICIPAÇÃO EM PROJETOS



- A participação dos colaboradores apresentam como resultado a predominância do trabalho desenvolvido em um projeto.

6.1.2 Tipos de motivação

A tabela 3 apresenta os dados referentes ao tipo de motivação que levaram os colaboradores a participar dos projetos do NAC.

TABELA 3 - ASPECTOS QUE MOTIVARAM OS COLABORADORES A PARTICIPAREM DOS PROJETOS

MOTIVAÇÃO	COLABORADORES
Relevância dos projetos	7
Exercício da solidariedade	10
Responsabilidade social	8
TOTAL	25

GRÁFICO 3 - MOTIVOS QUE INCENTIVARAM OS COLABORADORES A PARTICIPAREM DOS PROJETOS



- Os participantes dos projetos afirmaram que se preocupam com os graves problemas sociais que assolam o nosso país, e que tem dentro de si o espírito de fraternidade.

Comentário do colaborador:

"o principal motivo é o reconhecimento, o carinho dos alunos e que estamos fazendo a diferença em suas vidas".

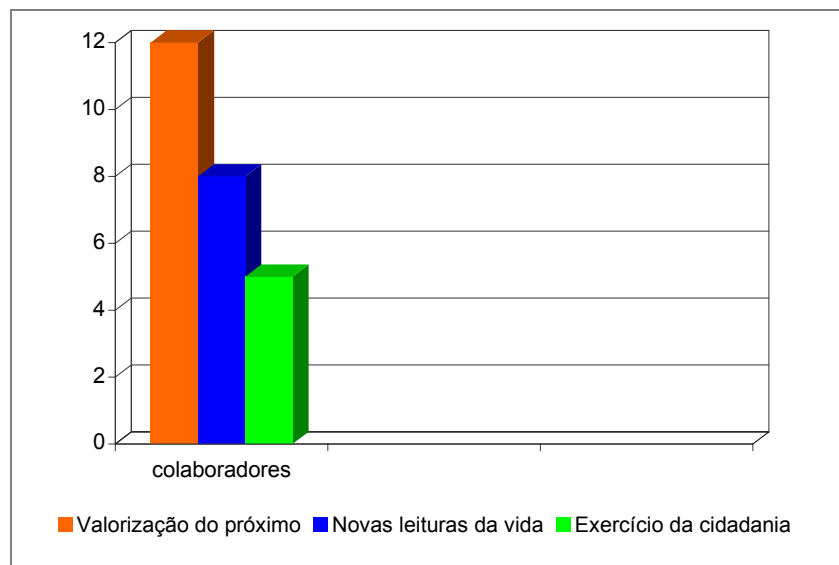
6.1.3 Alterações comportamentais

A tabela 4 apresenta os dados referentes às mudanças de atitudes na vida pessoal dos colaboradores pela participação nos projetos desenvolvidos pelo NAC.

TABELA 4 - RESULTADOS REFERENTES A MUDANÇAS DE ATITUDES DOS OLABORADORES

MOTIVAÇÃO	COLABORADORES
Valorização do próximo	12
Novas leituras da vida	8
Exercício da cidadania	5
TOTAL	25

GRÁFICO 4 - RESULTADOS REFERENTES A MUDANÇAS DE ATITUDES DOS COLABORADORES



- Segundo os entrevistados, as mudanças de atitudes foram significativas, pois, oportunizaram a vivência e a contribuição na melhoria de realidades sociais menos favorecidas.

Comentário do colaborador:

"...Participando do projeto pude conhecer outras realidades e vivências que me fizeram repensar a minha própria vida e a atitude para com os outros."

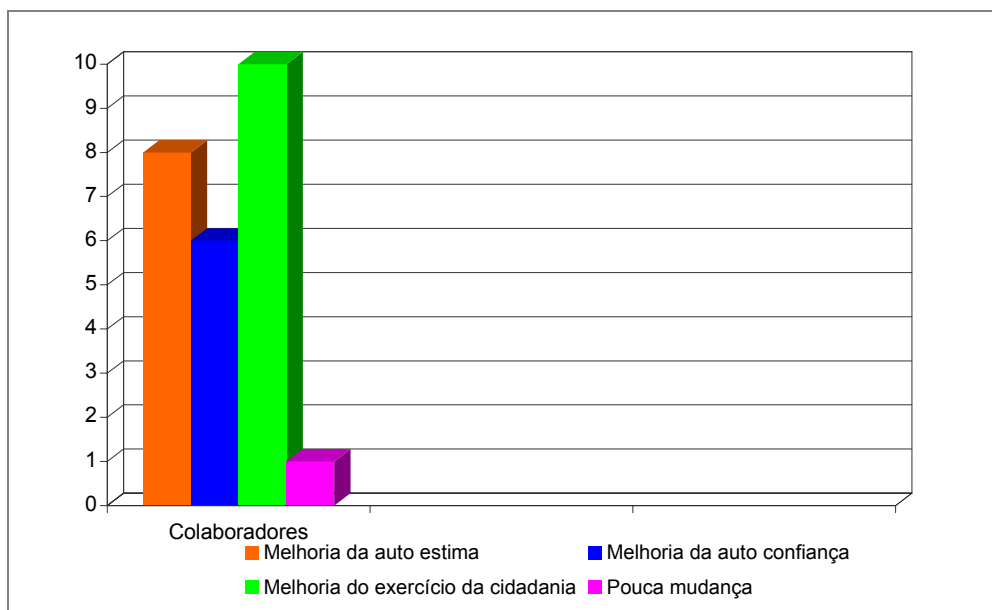
6.1.4 Mudança na vida dos beneficiados

A tabela 5 apresenta os dados referentes às mudanças na vida pessoal dos alunos, que participam dos projetos desenvolvidos pelo NAC, na opinião dos observadores.

TABELA 5 - MUDANÇA NA VIDA PESSOAL DOS ALUNOS, CONSTATADAS PELOS COLABORADORES

MOTIVAÇÃO	COLABORADORES
Melhoria da auto estima	8
Melhoria da auto confiança	6
Melhoria do exercício da cidadania	10
Pouca mudança	1
TOTAL	25

GRÁFICO 5 - MUDANÇAS NA VIDA PESSOAL DOS ALUNOS, CONSTATADAS PELOS COLABORADORES



Comentário do colaborador:

"... A comunidade do Proalfa tem como forte característica à baixa auto estima, então só o fato de estarem inseridos em um contexto onde não existem diferenças, eles parecem se sentir mais fortes e apoiados para enfrentarem um mundo que fecha os olhos para não vê-los".

6.2 Proalfa

Este projeto tem como objetivo iniciar e retomar a escolarização para jovens e adultos de baixa renda.

A contribuição destes alunos na pesquisa foi para validar:

- Sentimentos por iniciar ou retomar a escolarização;
- Mudanças de atitudes;
- A periodicidade;
- A acolhida pelos profissionais do NAC.

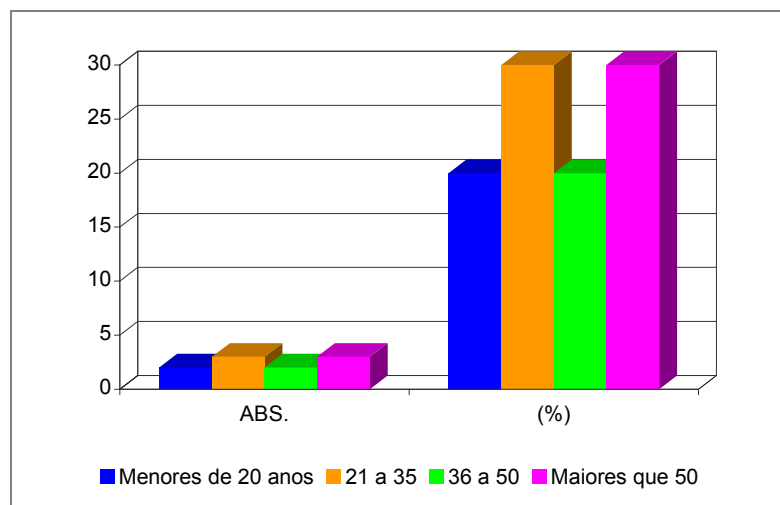
6.2.1 Caracterização da amostra

Neste projeto, foram entrevistados 10 alunos da educação de jovens e adultos, com faixa etária de 18 a 65 anos, como apresentada a seguir na tabela 6:

TABELA 6 - ENTREVISTA CONCEDIDA PELOS ALUNOS NA FAIXA ETÁRIA DE 18 A 65 ANOS

FAIXA ETÁRIA	ABS.	(%)
Menores de 20 anos	2	20
21 a 35	3	30
36 a 50	2	20
Maiores que 50	3	30
TOTAL	10	100

GRÁFICO 6 - ENTREVISTA CONCEDIDA PELOS ALUNOS NA FAIXA ETÁRIA DE 18 A 65 ANOS

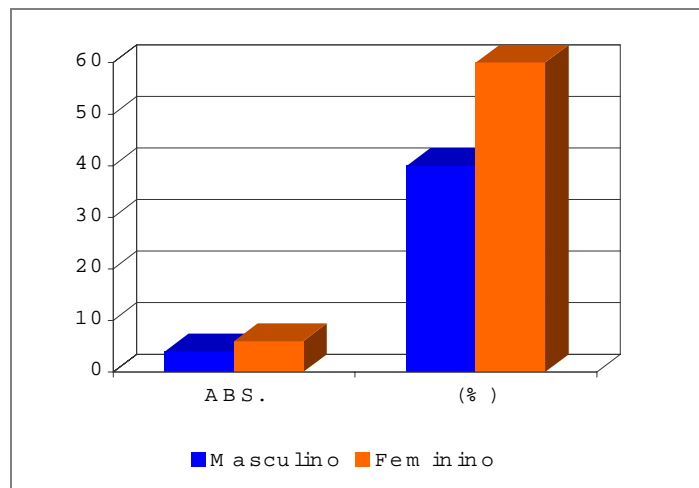


- público-alvo dessa amostra apresenta uma predominância na faixa etária entre 21 à 35 e maiores que 50 anos. Essas faixas etárias sentem a necessidade de retomar ou iniciar a escolarização, para melhor inserção no mercado de trabalho.

TABELA 7 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE SEXO

SEXO	ABS.	(%)
Masculino	4	40
Feminino	6	60
TOTAL	10	100

GRÁFICO 7 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE SEXO



- A predominância do sexo feminino nessa amostra representa uma grande preocupação das mulheres em auxiliar seus filhos e netos na escolarização.

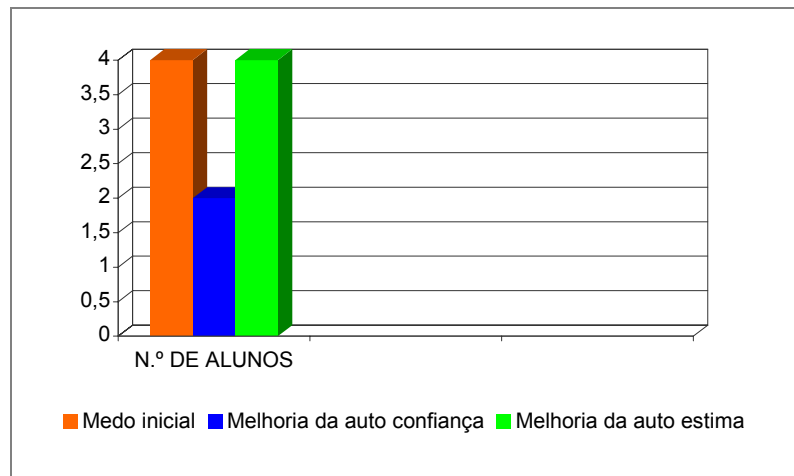
6.2.2 Sentimentos por iniciar ou retomar a escolarização

A tabela 8 apresenta os dados referentes aos sentimentos manifestados pelos alunos com a possibilidade de freqüentar o Proalfa .

TABELA 8 - MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTOS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO PROALFA

SENTIMENTOS	N.º DE ALUNOS
Medo inicial	4
Melhoria da auto confiança	2
Melhoria da auto estima	4
TOTAL	10

GRÁFICO 8 - MANIFESTAÇÃO DE SENTIMENTOS DOS ALUNOS EM RELAÇÃO AO PROALFA



- Alguns alunos revelaram-se apreensivos no início do projeto. Posteriormente mostraram-se participantes ativos, entusiasmados, confiantes, pois foram bem acolhidos pelos professores, e também conscientizados da importância da escolarização na atualidade.

Comentário do aluno:

"Mais valorizado. Agradecido pelo apoio de todos".

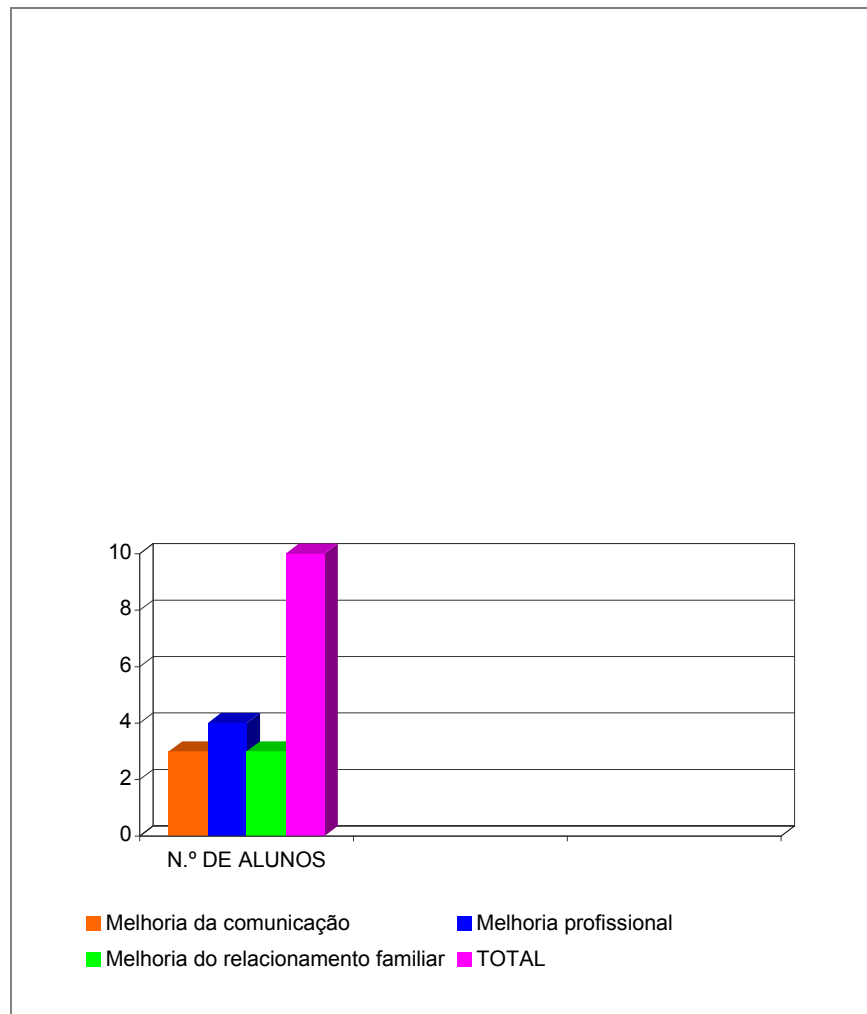
6.2.3 As mudanças na vida pessoal

A tabela 9 apresenta os dados referentes às mudanças na vida pessoal dos alunos, pela participação no Proalfa.

TABELA 9 - FATORES QUE ALTERARAM A VIDA PESSOAL DOS ALUNOS DO PROALFA

MUDANÇAS	N.º DE ALUNOS
Melhoria da comunicação	3
Melhoria profissional	4
Melhoria do relacionamento familiar	3
TOTAL	10

GRÁFICO 9 - FATORES QUE ALTERARAM A VIDA PESSOAL DOS ALUNOS DO PROALFA



- Os alunos do Proalfa apresentaram como resultados, uma mudança significativa no seu agir pessoal. Constatou-se a melhoria na comunicação dentro e fora da sala de aula e no relacionamento familiar e profissional.

Comentário do aluno:

"Muitas coisas. Terminei o curso de polimento, espelhamento e cristalização de automóveis. Carta de motorista".

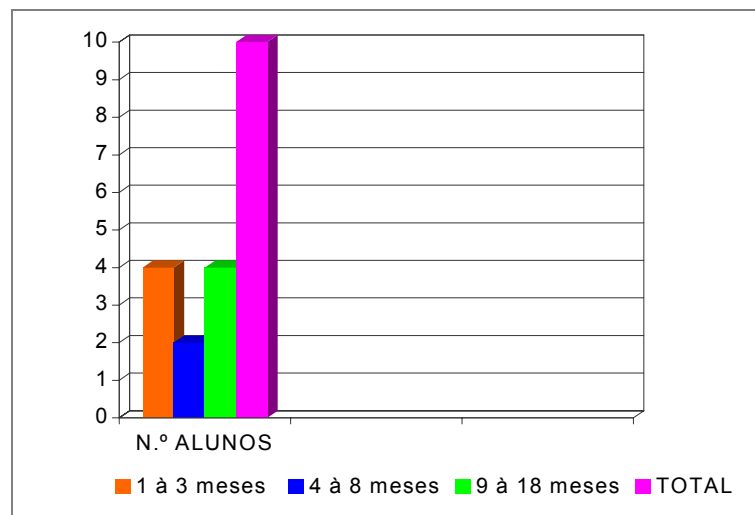
6.2.4 A periodicidade

A tabela 10 apresenta os dados referentes ao período que os alunos participam do Proalfa.

TABELA 10 - PERÍODO DE DURAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS JUNTO AO PROALFA:

PERÍODO	N.º ALUNOS
1 à 3 meses	4
4 à 8 meses	2
9 à 18 meses	4
TOTAL	10

GRÁFICO 10 - PERÍODO DE DURAÇÃO DA PARTICIPAÇÃO DOS ALUNOS JUNTO AO PROALFA:



- tempo de alfabetização dos alunos do Proalfa é o tempo de aprendizagem de cada aluno. Portanto, não se preestabelece um tempo mínimo ou máximo de permanência no projeto.

6.2.5 A acolhida pelos profissionais do NAC

Após análise dos dados, verificou-se que 100% dos alunos entrevistados manifestaram sentimento de boa acolhida.

O NAC desenvolve a capacitação técnica para seus professores e funcionários, e apresenta-lhes a realidade desse público (Proalfa), sensibilizando-os dessa forma, a desenvolver um laço afetivo com o grupo.

Comentário do aluno:

"...A sopa sempre quentinha, os professores sempre alegres."

6.3 Projeto de Educação Ambiental

Este projeto tem como objetivo desenvolver a consciência ambiental nos alunos de educação infantil a ensino médio da instituição educacional em estudo.

A contribuição destes alunos na pesquisa foi para validar:

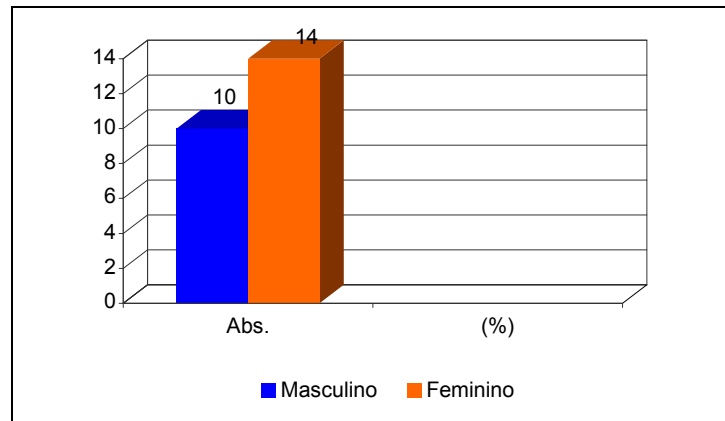
- Nível de motivação;
- Sentimentos que permeiam a participação;
- Mudanças de atitudes;
- Acolhida pelos profissionais do NAC.

Neste projeto foram entrevistados 24 alunos de 7.º série do ensino fundamental e, os resultados obtidos em nível de sentimentos, motivação por participar do PEA, mudanças de atitudes e acolhida pelos profissionais do NAC foram os seguintes:

TABELA 11 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE SEXO

SEXO	Abs.	(%)
Masculino	10	41.6
Feminino	14	58.4
TOTAL	24	100

GRÁFICO 11 - DISTRIBUIÇÃO DA AMOSTRA DE SEXO



- A amostra de sexo apresenta a predominância do sexo feminino. A pesquisadora pressupõe que o sexo feminino tem uma maior facilidade de demonstrar a sensibilidade solidária.

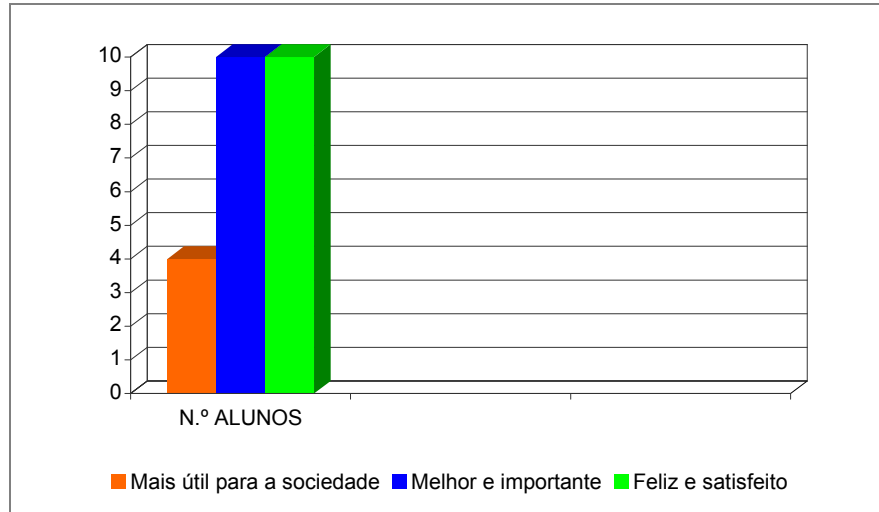
6.3.1 Tipos de sentimentos

A tabela 12 apresenta os dados referentes ao tipo de sentimentos que levaram os alunos voluntários a participar dos projetos do NAC

TABELA 12 - TIPOS DE SENTIMENTOS QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DO PEA

CONCEITOS	N.º ALUNOS
Ser útil para a sociedade	4
Sentir-se melhor e importante	10
Feliz e satisfeito	10
TOTAL	24

GRÁFICO 12 - TIPOS DE SENTIMENTOS QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DO PEA



- Os alunos entrevistados sentiram que podem ser úteis a sociedade, exercendo um trabalho voluntário e concluem que se sentem melhores consigo mesmos.

Comentário do aluno:

"Me sinto útil e penso que posso melhorar o mundo, tenho certeza de que se todos fizessem um pouco o mundo seria muito melhor".

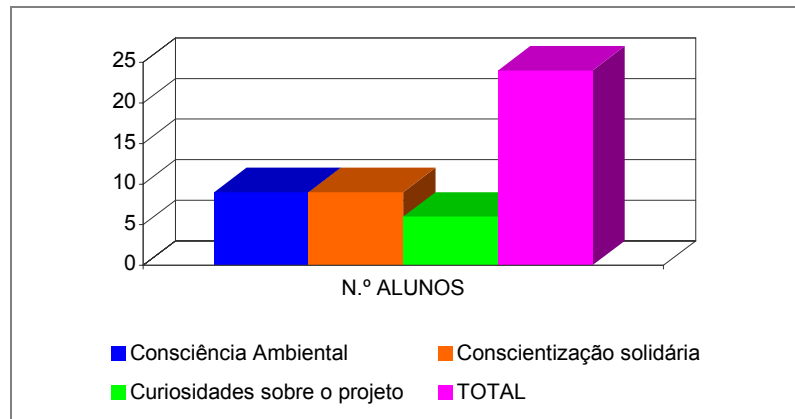
6.3.2 Elementos motivacionais

A tabela 13 apresenta os dados referentes aos elementos motivacionais que levaram os alunos voluntários a participar dos projetos do NAC.

TABELA 13 - ELEMENTOS MOTIVACIONAIS QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DOS PROJETOS DO NAC

MOTIVAÇÃO	N.º ALUNOS
Consciência Ambiental	9
Conscientização solidária	9
Curiosidades sobre o projeto	6
TOTAL	24

GRÁFICO 13 - ELEMENTOS MOTIVACIONAIS QUE LEVARAM OS ALUNOS A PARTICIPAR DOS PROJETOS DO NAC



- Pelos resultados dos elementos motivacionais dos alunos do projeto de educação ambiental observou-se uma predominância da sensibilidade solidária e da consciência ambiental.

Comentário do aluno:

"...será importante para o meu futuro, estou me sentindo mais madura, responsável, estou crescendo como pessoa."

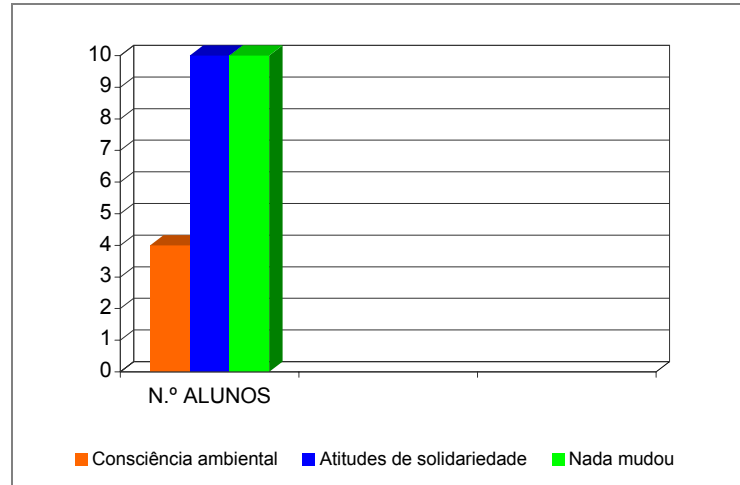
6.3.3 Mudanças de atitudes

A tabela 14 apresenta os dados referentes às mudanças de atitudes dos alunos pela participação no PEA.

TABELA 14 - MUDANÇAS DE ATITUDES DO ALUNOS DO PEA

MOTIVAÇÃO	N. ° ALUNOS
Consciência ambiental	4
Atitudes de solidariedade	10
Nada mudou	10
TOTAL	24

GRÁFICO 14 - MUDANÇAS DE ATITUDES DOS ALUNOS DO PEA



- Segundo os entrevistados as mudanças de atitudes foram significativas, pois, oportunizaram a vivência e contribuição com a preservação da natureza.

Comentário do aluno:

"Minha vida já era excelente, agora está melhor ainda. É importante tomar consciência dos atos que trarão benefícios a todos".

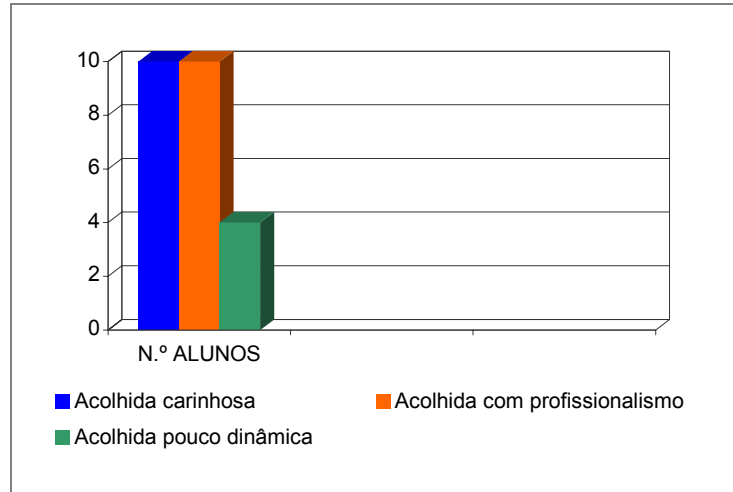
6.3.4 A acolhida pelos profissionais do NAC

A tabela 15 demonstra os resultados referentes à opinião dos alunos em relação à acolhida pelos professores e colaboradores do Proalfa.

TABELA 15 - OPINIÃO DOS ALUNOS DO PEA EM RELAÇÃO A ACOLHIDA

SENTIMENTO	N.º ALUNOS
Acolhida carinhosa	10
Acolhida com profissionalismo	10
Acolhida pouco dinâmica	4
TOTAL	24

GRÁFICO 15 - OPINIÃO DOS ALUNOS DO PEA EM RELAÇÃO A ACOLHIDA



- NAC desenvolve a capacitação técnica e humana para seus colaboradores atuantes do PEA, e apresenta as características dos pré-adolescentes (7.^a série do ensino fundamental) também atuantes do projeto. A partir daí, desenvolve-se uma consciência sobre a necessidade do profissionalismo com afetividade.

Comentário do aluno:

"...são pessoas muito queridas e amáveis, uma equipe profissional dedicada a tudo e a todos."

A partir dos resultados obtidos, concebe-se o NAC como sendo um agente de transformação no sentido da promoção humana.

Nas tabelas acima, observa-se o grau de satisfação dos entrevistados em relação à atuação do NAC, porém consciente de sua importância e da sua responsabilidade enquanto agente transformador da sociedade pode e deve através do potencial da instituição e dos comprometidos nos projetos, participar mais intensa e efetivamente da vida e do desenvolvimento sócio, econômico e cultural da região.

7 CONCLUSÕES E RECOMENDAÇÕES

Vive-se hoje, num mundo assolado por diferentes problemas, com os mais variados graus de complexidade: a exclusão, o narcotráfico, a acirrada competitividade do mercado, a violência, o desemprego e a devastação do meio ambiente. Neste contexto histórico não se pode esperar somente do Estado toda ação de satisfação das necessidades da população, visto que, isoladamente o denominado primeiro setor (Estado) não responde a estes desafios por vários fatores determinantes, que são hoje intensamente debatidos e analisados para o enfrentamento dessas questões.

As alternativas para a solução dos problemas acima citados se encontram voltadas para um novo contrato social, a partir de uma relação dinâmica e harmoniosa das três estruturas contemporâneas: Estado, Mercado e Sociedade Civil.

É importante salientar, que as organizações nesse contexto não se encontram a deriva, mas de uma forma ou de outra estão assumindo seu papel enquanto cidadania empresarial. Vêm desenvolvendo ações que favoreçam o bem-estar interno e externo da comunidade, região, estado e país.

Desse modo, pode-se afirmar, que, essa nova prática vai se consolidando de acordo com a cultura, filosofia e recursos de cada organização. Esta prática das organizações é também norteada pela decorrência de sua história, crenças, valores e pressupostos desenvolvidos pelos seus colaboradores, pela tecnologia e processos de trabalhos adotados, além de outros elementos que contribuem no contexto organizacional.

Observa-se, que as grandes empresas que utilizam da prática efetiva da responsabilidade social, vêm sendo vistas com "bons olhos" pela população. Quando realizam trabalhos com ações, que minimizem as desigualdades sociais, são reconhecidas pelos seus clientes e consumidores, pois estes, já apresentam sinais de preocupação com os problemas sociais que assolam o país.

Não há dúvidas que existem ganhos por parte das empresas com a prática da responsabilidade social, que são gerados por sub-produtos, tais como, o valor agregado à imagem da empresa.

Martinelli (2000), esclarece que uma empresa tem mecanismos comerciais para atingir seus objetivos econômicos, mas que os recursos mobilizados para atingir objetivos a serviço do bem comum, precisam ser compreendidos como instrumentos sociais, não devendo sequer compor o custo dos produtos.

As instituições educacionais são também instituições empresariais, embora muitas vezes a população não tenha consciência desse fato. Tais instituições precisam se manter economicamente, sem deixar de lado a sua função precípua, de formar cidadãos integralmente, que quando colocados na sociedade atuem com competência, autonomia e responsabilidade.

Ainda em tempo, as instituições educacionais enquanto organizações, já estão se preocupando em despertar em seus colaboradores este espírito humanitário, de modo a favorecê-los com capacitação para trabalhos sociais, desenvolvidos pela própria instituição.

Existem outros instrumentos que as instituições educacionais estão buscando para atingir seus objetivos no desenvolvimento dos projetos sociais. As parcerias com o poder público e privado. Essas parcerias devem se apresentar com disposição para o diálogo, alocação dos recursos, identificação das necessidades, transparência e tudo que for necessário para o atingimento dos objetivos.

Assim, neste trabalho, procurou-se investigar a efetiva contribuição do Núcleo de Ação Comunitária Bom Jesus, mais especificamente no que se refere às questões do despertar da responsabilidade social e do espírito humanitário aos seus alunos e colaboradores, a partir dos projetos sociais desenvolvidos pelo então referido núcleo.

É fato que toda organização desenvolve pessoas. Pode-se ajudar a crescer ou impedir o crescimento.

Essa premissa nos remete à compreensão da extrema responsabilidade da instituição educacional em relação à população por ela atendida. Ela pode, por meio de sua filosofia; sua proposta político pedagógica e da ciência dar uma grande parcela de contribuição para um mundo melhor.

7.1 Recomendações

A instituição educacional é parte de um todo inclusivo que a determina e, dependendo de sua filosofia, funcionamento e sentido, pode colaborar no desenvolvimento e transformação da sociedade.

Para que se efetive a contribuição dessa instituição, para uma sociedade com justiça social, é necessário que a mesma esteja alicerçada e sustentada nos pilares de um ensino de qualidade: a formação humana como saber científico e tecnológico, pois, caso contrário, elitiza-se, rompendo com o compromisso social com as populações que a mantém.

Para tanto é premente que as ações educativas na construção da cidadania, sigam para além de ações emergenciais e/ou compensatórias, norteando a atividade-fim das escolas com uma formação de seres humanos justos e socialmente responsáveis.

Então, para que o NAC contribua mais intensamente no desenvolvimento da responsabilidade dos alunos e colaboradores Bom Jesus, recomenda-se que essa instituição observe os pontos que seguem, objetivando a melhoria do trabalho social, visto que a mesma se encontra em um contexto em transformação.

- Realizar atividades que compreendam a formação de seus colaboradores no sentido de despertar ou de fortalecer a sua ação quanto à responsabilidade cidadã.
- Incluir na proposta pedagógica o NAC como um dos pilares da educação
- Promover um maior conhecimento sobre o trabalho desenvolvido pelo NAC, aos seus colaboradores.
- Divulgar os projetos desenvolvidos pelo NAC aos seus alunos e colaboradores.

- Contemplar projetos alternativos de educação para comunidades carentes, como trabalho acadêmico de extensão, obrigatório dos cursos de graduação.
- Articular a participação dos pais dos alunos em programas de apoio mútuo, como forma de solidariedade e exercício de cidadania.
- Articular a participação dos pais nos programas em que seus filhos já se encontram atuando.
- Agregar à estrutura curricular dos cursos de graduação, mais especificamente das áreas de ciências sociais e humanas, uma disciplina que trate de Responsabilidade Social e Cidadania.
- Estimular a participação de alunos em projetos de pesquisa e extensão comunitária como parte da graduação.
- Promover junto à comunidade acadêmica, eventos de conscientização norteados por princípios comunitário-humanistas, ou seja, ações pautadas pela solidariedade e responsabilidade cidadã.
- Produzir material didático-pedagógico, que articule as áreas do conhecimento com a temática da responsabilidade social do ensino fundamental à graduação.
- Apresentar anualmente os resultados dos projetos como balanço social a toda instituição. Realizar divulgação do projeto como forma de apresentar os seus efeitos e, assim estimular a prática a outras instituições.
- Fortalecer o trabalho voluntário existente, por meio de palestras, congressos, fóruns, e a valorização do desempenho de seus colaboradores.

Com estas recomendações, acredita-se otimizar e enriquecer o trabalho do Núcleo de Ação Comunitária Bom Jesus, de modo a fortalecer as ações de promoção humana, aos seus alunos e colaboradores e às pessoas, que, por elas são favorecidas na inserção social.

7.2 Sugestões para Trabalhos Futuros

Esta pesquisa foi realizada de forma rica e valiosa, mas também teve suas limitações, havendo, portanto, uma necessidade de outros estudos a serem feitos, inclusive no sentido de preencher as lacunas existentes.

Dessa forma, tendo como referência às conclusões dessa pesquisa. Desse modo sugere-se a realização de outras pesquisas, envolvendo aspectos não contemplados neste trabalho, tais como:

- Potencialização dos recursos financeiros.
- Programas de incentivo ao voluntariado da instituição.
- A construção de outras redes de parcerias com mais ONGs e empresas privadas.
- Implementação dos projetos do NAC, nas unidades de ensino Bom Jesus de outras regiões geográficas brasileiras.
- Voluntariado virtual, como nova forma de participação social.
- Programação de visitas mais freqüentes, às instituições sociais e comunidades carentes cadastradas no NAC.

REFERÊNCIAS

- ARENTO, Hannah. **A condição humana**. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 1981.
- ARGYRISS, C. **Personalidade e organização**: o conflito entre o sistema e o indivíduo. Rio de Janeiro: USAID, 1968.
- BABBIO, Norberto et al. **Dário de política**. Brasília: UNB, 1992.
- BETTONI, E., OFM. **Visão franciscana da vida**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BLAU, Peter M., SCOTT, W. Richard. **Organizações formais**, S. Paulo, Atlas, 1970.
- BOUDON, Raymond. **Métodos da sociologia**. Petrópolis: Vozes, 1973.
- BOUDON, Raymond. **Para que serve a noção de estrutura?**: a significação da noção de estrutura nas ciências humanas. São Paulo: Eldorado, 1994.
- CHAZEL, F. **Teoria Sociológica**. São Paulo: UCTTEC, EDUSP, 1997.
- COELHO, Christanne, C. S. R. **Escola do futuro como organização**. Florianópolis: UFSC, 2002. (Apostila).
- CROZIER Michel, FRIEDBERG A. **O fenômeno burocrático**. Brasília: UNB, 1996.
- DALLARI, Dalmo de Abreu. **Direitos humanos e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1998.
- DURKHEIM, Émile. **Os pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1983.
- EQUIPE Social do Campo Grande. Comissão Nacional da Pastoral da Saúde. **Voluntariado 2001**.
- GILLETTE. **Os voluntários na linha de frente da paz e da exclusão**. O correio da Unesco. Brasília, Ed. Especial AJV, p.22, Agosto de 2002.
- IOSCHPE, E. B. et al. **Desenvolvimento social sustentado - 3º setor**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1997.
- MARCH, James G.; SIMON, Herbert A. **Teoria das organizações**. São Paulo: Aliança para o Progresso, 1975.
- MARTINELLI, Antônio Carlos. **Empresa cidadã: uma visão inovadora para uma ação transformadora**. In : IOSCHPE, E. (Org). **3º setor: desenvolvimento social sustentado**. 2.ed. São Paulo: Paz e Terra, 2000.
- MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Gestão da responsabilidade social corporativa: o caso brasileiro**. Rio de Janeiro: Qualymark, 2001.
- MELO NETO, Francisco Paulo de; FROES, César. **Responsabilidade social & cidadania empresarial**. Rio de Janeiro: Qualymark, 1999.

MOISEICHYK, Ana Elizabeth. **Universidade e filantropia**: uma contribuição do estudo da cultura organizacional para inserção no terceiro setor. Florianópolis, 2001. Tese (doutorado para obtenção do título em engenharia de produção) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção - UFSC..

MORGAN, Gareth. **Imagens da organização**. São Paulo: Atlas, 1996.

NOLETO, Marlova Jovchelovitch. **Parcerias e alianças estratégicas**: uma abordagem prática. São Paulo: Global, 2001.

RODRIGUES, M. C. P. Demandas sociais versus crise de financiamento: o papel de terceiro setor no Brasil. **Revista de Administração Pública**, Rio de Janeiro 32 (5) : 25-67, set./out., 1998.

TOURAINÉ, Alain. **O retorno do ator**. São Paulo: Instituto Piaget, 1989.

TRAVASSOS, Lucilia Panisset. **Como uma instituição de ensino não-pública pode contribuir para programas públicos de inclusão**: um estudo de caso para o Unicentro Izabela Hendrix. Florianópolis, 2002. Mestrado (dissertação Engenharia de Produção) - Programa de Pós-graduação em Engenharia de Produção - UFSC.

TRIVIÑOS, Augusto N. S. **Introdução à pesquisa em ciências sociais**: a pesquisa qualitativa em educação. São Paulo: Atlas, 1987.

WEBER, Max. **A ética protestante e o espírito do capitalismo**. São Paulo: Pioneira, 1996.

ZAVALLONI, R. **A personalidade de Francisco de Assis**. Estudo psicológico. Petrópolis: CEFEPAL, 1993.

OBRAS CONSULTADAS

AGUILAR, Maria José; ANDER-EGG, Ezequiel. **Avaliação de serviços e programas sociais**. Petrópolis: Vozes, 1994.

ASHLEY, Patrícia Almeida. **Ética e responsabilidade social nos negócios**. São Paulo: Saraiva, 1998.

ASSMANN, Hugo; MO SUNG, Jung. **Competência e sensibilidade solidária**: educar para a esperança. Petrópolis: Vozes, 2000.

BERNARDI, Orlando. **Comovisão franciscana**: Paulista: Edusp, 1996.

BERNARDI, Orlando. **Francisco de Assis**: um caminho para a educação. Bragança Paulista: EDUSF, 2002.

BOSS, Lex. **Doze dragões em luta contra iniciativas sociais**. Ed. Antroposófica, 1993.

CARVALHO, Nanci Valadares de. **Autogestão**: o nascimento das ONGs. São Paulo: Brasiliense, 1995.

CETS FGV. Coletânea de legislação do terceiro setor, 2001. 1 CD-ROOM.

- CHIANCA, Thomas; MARINO, Eduardo; SCHIESARI, Laura. **Desenvolvendo a cultura de avaliação em organizações da sociedade civil**. São Paulo: Global, 2001..
- COELHO JÚNIOR, Pedro Jaime de. **Curso de gestão do terceiro setor e responsabilidade social**: planejamento estratégico e gestão de projetos sociais. Curitiba: FAE Consulting, 2002.
- COSTA, Aloysio Teixeira. **Administração de entidades sem fins lucrativos**. São Paulo: Nobel, 1992.
- DELORS, Jacques. **Educação**: um tesouro a descobrir. São Paulo: Cortez, Brasília, DF: MEC: UNESCO, 1998.
- DIMENSTEIN, Gilberto. **O cidadão de papel**. São Paulo: Ática, 1998.
- DRUCKER, Peter Ferdinand (org.). **A Comunidade do futuro**: idéias para uma nova comunidade. São Paulo: Futura, 1998.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. **Administrando em tempos de grandes mudanças**. São Paulo: Pioneira, 1995.
- DRUCKER, Peter Ferdinand. **Sociedade pós-capitalista**. São Paulo: Pioneira, 1993
- FERNANDES, Rubem César. **Privado porém público**: o terceiro setor na América Latina. São Paulo: Relume-Dumará, 1994.
- FERREIRA NETO, Augusto. **Desenvolvimento comunitário**. Rio de Janeiro: Bloch, 1987.
- FERREIRA NETO, Augusto; PIQUET, Leandro. **ONGs anos 90**: a opinião dos dirigentes brasileiros. Rio de Janeiro: ISER, 1991.
- FLEURY, Maria Terez Leme; FLEURY, Afonso. **Aprendizagem e Inovação organizacional**. São Paulo: Atlas, 1995.
- FREITAS. **Cultura organizacional**: formação, tipologias e impacto. São Paulo: Makron Books, 1991.
- GARCIA, Jacinta Turolo. **Educação para a solidariedade**: uma questão de coerência. Bauru, SP: Ed. Do Sagrado Coração, 2000.
- GARDNER, H. **O verdadeiro, o belo e o bom**. Rio de Janeiro: Objetiva, 1999.
- GOHN, Maria da Glória. **Educação não formal e cultura política**: impactos sobre o associativismo do terceiro setor. São Paulo: Cortez, 1999.
- GRUPO Esquel Brasil e Conselho da Comunidade Solidária. Coletânea de Legislação do Terceiro Setor. Fundação. Rio de Janeiro: Sindicato Nacional dos Editores, 1998.
- HANDY, Charles. **A era do paradoxo**: dando um sentido para o futuro. São Paulo: Makron Books, 1995.
- JÓIA, Sonia (Org). **O empresário e o espelho da sociedade**. Rio de Janeiro: Ibase, 1994.
- KISIL, Rosana. **Elaboração de projetos e propostas para organizações da sociedade civil**. São Paulo: Global, 2001.

- LANDIM, Leilah; COTRIM, Leticia. **As organizações não governamentais no Brasil**. Rio de Janeiro: ISER, 1988.
- LANDIM, Leilah; COTRIM, Leticia. **ONGs: um perfil**. São Paulo: ABONG/ISER, 1996..
- MAZZUCO, Vitorio. **Francisco de Assis e o modelo de amor cortês-cavaleiresco: elementos cavaleirescos na personalidade e espiritualidade de Francisco de Assis**. Petrópolis: Vozes, 1994.
- MENEGASSO, Ester. **Gestão de pessoas e voluntariado**. Curitiba: FAE Consulting , 2002. (Apostila do curso de gestão do terceiro setor e responsabilidade social).
- MOTTA, Paulo Roberto. **Gestão contemporânea: a ciência e a arte de ser dirigente**. 5.ed. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- O DRAGÃO e a borboleta. Sustentabilidade e responsabilidade social nos negócios. São Paulo: Axis Mundi, 2000.
- PICCOLO, Agostinho Salvador, ofm; DÓRIA, Oswaldo; XAVIER, Luiz Renato. **Histórias e estórias do " Bom Jesus"**. Curitiba: AFESBJ, 1980.
- RIBAS JUNIOR, Fábio. **Parceria entre as escolas e empresas: alternativas e desafios**. Prattein. Consultoria em Educação e Desenvolvimento Social. Disponível em <<http://www.fgvsp.org.br>>.. Acesso em: 13 mar e 28 nov. 2002.
- RICHARDSON, R. **Pesquisa social: métodos e técnicas**. São Paulo: Atlas, 1985
- SANTOS, Wanderley Guilherme dos. **Cidadania e justiça: a política social na ordem brasileira**. Rio de Janeiro: Campus, 1979.
- SERVA, Maurício. **Curso de gestão e responsabilidade social**. Os novos paradigmas na área social: Responsabilidade Social e Terceiro Setor.
- SILVA, César Augusto Tibúrcio. **Balanco social: teoria e prática**. Rio de Janeiro: Atlas, 2001.
- SOS Brasil: Guia para a participação empresarial no apoio à cidadania. Rio de Janeiro: Ibase, 1993.
- SOUZA, Hebert de; Rodrigues, Carla. **Ética e cidadania**. São Paulo: Moderna, 1994.
- SOUZA, Hebert de; Rodrigues, Carla. **Revoluções de minha geração**. São Paulo: Moderna, 1996.
- SPINK, Peter; CLEMENTE, Roberta et al. **20 experiências de gestão pública e cidadania**. Rio de Janeiro: Fundação Getúlio Vargas, 1997.
- TAVARES, Maria das Graças de Pinho. **Cultura organizacional: uma abordagem antropológica da mudança**. Rio de Janeiro: Qulymark, 1991.
- TOFFLER, Alvin; Heide. **Criando uma nova civilização**. Rio de Janeiro: Record, 1995.
- ULLMAN, Reinoldo Aloysio. **O solidarismo**. São Leopoldo: Unisinos, 1993.

Sites pesquisados

Gestão do terceiro setor

Disponível em: <[http://www. Abong.org.Br/fundopublico/índice.htm](http://www.Abong.org.Br/fundopublico/índice.htm)>

Disponível em <www.cdra.org.za>

Disponível em: <www.mapnp.org>

Voluntariado

Disponível em: <[www. açaovoluntaria.com.Br](http://www.açaovoluntaria.com.Br)>

Disponível em: <[www. Portaldovoluntario.org.Br](http://www.Portaldovoluntario.org.Br)>

Disponível em: <[www. Voluntários.org.br](http://www.Voluntários.org.br)>

Responsabilidade Social

Disponível em: <www.bsr.org>

Disponível em: <www.csrforum.com>

**APÊNDICE 1 - QUESTIONÁRIOS AOS COLABORADORES E ALUNOS
ATUANTES NOS PROJETOS DO NAC**

Caro colaborador

Você está recebendo um instrumento que foi elaborado pela professora Vanilda Galvão Bovo e que tem como objetivo desenvolver sua dissertação de Mestrado, que está sendo realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, no programa de Pós-Graduação em Engenharia de Produção, referindo-se ao estudo de caso do Núcleo de Ação Comunitária Bom Jesus. Sua contribuição é fundamental para que possamos por meio desta analisar, buscar alternativas e soluções para continuar este trabalho com maior eficácia.

Ao responder este questionário é importante que você fique certo de que:

- Sua identificação será preservada, pois, seu nome não constará do material.
- As informações colhidas serão agrupadas e analisadas segundo padrões científicos e éticos.

COLABORADOR (A): _____

FUNÇÃO: _____

UNIDADE: _____

1. Qual é o seu conhecimento sobre o trabalho desenvolvido pelo NAC?

2. Marque no quadrado abaixo qual o projeto que você participa:

- a) PROALFA ()
- b) PROEJA ()
- c) PROBOM ()
- d) PROJEM ()
- e) SÁBADO FELIZ ()
- f) LÍDERES ()
- g) APOIO-ÍNDIOS ()
- h) CULTURA SOLIDÁRIA ()
- i) SÓCIOEDUCATIVOS ()
- j) INFORMÁTICA ()
- k) CORTE E COSTURA ()

3. O que motivou a sua participação nesse (s) projeto (s)?

4. Quais as ações que você desenvolve neste (s) projeto (s)?

5. Você acredita que há possibilidade de alguma mudança na sua vida com seu comprometimento nesse projeto?

Explique sua resposta.

6. Durante todo o processo, foi percebido alguma mudança na vida das pessoas participantes desse projeto?

Explique sua resposta

7. No seu entendimento, o Núcleo de Ação Comunitária contribui para o despertar da responsabilidade social e sensibilidade solidária de seus alunos e colaboradores?

Caro aluno!

Você está recebendo um instrumento que tem como objetivo desenvolver uma pesquisa para uma tese de Mestrado, referindo-se ao estudo de caso do Núcleo de Ação Comunitária Bom Jesus Sua contribuição é fundamental para que possamos por meio desta analisar, buscar alternativas e soluções para continuar este trabalho com maior eficácia.

Ao responder este questionário é importante que você fique certo de que:

- Sua identidade será preservada, pois, seu nome não constará no material.
- As informações colhidas serão agrupadas e analisadas segundo padrões científicos e éticos

Aluno (A): _____

Idade: _____

Projeto: _____

1. Como você ficou sabendo do Projeto de Alfabetização de Jovens e Adultos?

2. Você está participando do Proalfa porque se inscreveu voluntariamente ou foi indicado por alguém?

3. Há quanto tempo você frequenta o Proalfa?

4. Como você se sente iniciando ou retomando a escolarização?

**5. O que mudou na sua vida com a sua participação no Proalfa?
Explique sua resposta.**

6. Como você avalia o Proalfa? (dificuldades e facilidades)

Explique sua resposta.

7. Como você vê a parceria do Proalfa com a Secretaria Municipal da Criança?

**8. Você se sente acolhido pelos colaboradores e professores do Proalfa?
Explique a sua resposta.**

9. Você gostaria de deixar alguma sugestão para o Proalfa?

Professores

Colaboradores

Coordenação

Secretaria da Criança

Material didático-pedagógico

Metodologia

Muito obrigado pela sua colaboração!

Caro aluno!

Você está recebendo um instrumento que foi elaborado pela professora Vanilda Galvão e que tem como objetivo desenvolver uma pesquisa para sua tese de Mestrado, que está sendo realizada na Universidade Federal de Santa Catarina, no Programa de Pós- Graduação em Engenharia de produção, referindo-se ao estudo de caso do Núcleo de Ação Comunitária Bom Jesus. Sua contribuição é fundamental para que possamos por meio desta analisar, buscar alternativas e soluções para continuar este trabalho com maior eficácia.

Aluno (A): _____

Idade: _____ série _____

Projeto: _____

Unidade: _____

Ao responder este questionário é importante que você fique certo de que:

- Sua identificação será preservada, pois, seu nome não constará do material.
- As informações colhidas serão agrupadas e analisadas segundo padrões científicos e éticos.

1. Você está participando do Projeto de Educação Ambiental porque:

Inscreveu-se voluntariamente: _____

Foi indicado por alguém? _____

2. Por que você participa na sustentabilidade do Projeto de Educação Ambiental?

3. Como você se sente participando deste projeto?

4. O que mudou na sua vida com a sua participação no Projeto de Educação Ambiental?

Explique sua resposta.

5. Como você avalia o Projeto de Educação ambiental? (dificuldades e facilidades)

Explique sua resposta.

6. Você se sente acolhido pelos colaboradores e professores do NAC neste projeto?

Explique a sua resposta.

7. Como você o trabalho da parceira: Empresa Águas Ouro fino no projeto de Ed. Ambiental? Explique sua resposta.

8. Você gostaria de deixar alguma sugestão para o Projeto de Ed. Ambiental?

Professores _____

Coordenação do NAC _____

Empresa Águas Ouro Fino _____

Recursos físicos _____

Metodologia _____

Muito obrigado pela sua colaboração!

APÊNDICE 2 - TERMO DE ADESÃO A EXERCÍCIO DE SERVIÇO VOLUNTÁRIO

TERMO DE ADESÃO A EXERCÍCIO DE SERVIÇO VOLUNTÁRIO

Pelo presente TERMO DE ADESÃO, os infra firmados, de um lado, a **ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SENHOR BOM JESUS**, pessoa jurídica de direito privado, instituição de ensino sem fins lucrativos e de natureza filantrópica, inscrita no CGC (MF) sob o n.º 76.497.338/0001-62, com sede nesta cidade, na Rua Alferes Poli, n.º 140, representada pelo seu Diretor Presidente, Sr. Guido Moacir Scheidt, RG 2.097.671-PR, CPF 975.965.408-30, e doravante denominada simplesmente de **AFESBJ**; e, de outro lado, brasileira, portadora da Cédula de Identidade....., inscrita no CPF n.º....., residente e domiciliada na Rua....., bairro....., e doravante denominado (a) simplesmente PRESTADOR (A); têm, por justo e convencionado, sob a égide da Lei nº 9.608, de 18.02.98, celebrar a **PRESTAÇÃO DE SERVIÇO VOLUNTÁRIO**, sob a forma de atividade NÃO REMUNERADA, estabelecendo, para tanto, as cláusulas e condições seguintes, reciprocamente outorgadas e aceitas:

CLÁUSULA PRIMEIRA: A AFESBJ, dentre outras finalidades e outros objetivos conexos, correlatos e conseqüentes, consagrados nos artigos 1º e 2º do Estatuto Social, tem como missão promover a formação do ser humano e a construção da cidadania, de acordo com os princípios franciscanos, produzindo, sistematizando e socializando o saber científico, tecnológico e filosófico. Este objetivo é alcançado através da divulgação da cultura, em todos os níveis, inclusive de natureza técnica, educacional, esportiva, de lazer e social, com a prática de intercâmbio e cooperação com instituições educacionais, científicas, sociais e culturais, nacionais ou estrangeiras, bem como com a dedicação à formação, ao aperfeiçoamento e à atualização de professores, profissionais e técnicos, mediante cursos de extensão nos diversos campos do saber.

CLÁUSULA SEGUNDA: Na linha de ação descrita na Cláusula Primeira, a AFESBJ mantém e exerce gratuitamente, as seguintes atividades técnicas, culturais e sociais:

- a) formação, aperfeiçoamento e atualização de profissionais e técnicos no sentido de que se possa assegurar a formação comum indispensável para o exercício da cidadania do educando, fornecendo-lhe meios para progredir de modo permanente nos estudos e no trabalho;
- b) assistência educacional de jovens e adultos carentes através da realização do CURSO DE CAPACITAÇÃO DE LIDERANÇAS COMUNITÁRIAS, realizado pelo NAC – Núcleo

de Ação Comunitária em parceria com a FEMOCLAN e FAS, através de atividades didáticas, pedagógicas, musicais, artísticas; contando, para tanto, com a participação voluntária e desinteressada de integrantes dos seus corpo discente, docente e funcional, bem como de pessoas da comunidade.

CLÁUSULA TERCEIRA: Ciente e de acordo com as atividades desempenhadas pela AFESBJ e descritas na Cláusula Segunda, o (a) PRESTADOR (A) exercerá, por adesão e sob a forma de serviço voluntário não remunerado, sob as seguintes condições:

- a) Trabalhar nos dias..... e....., no horário das..... às..... horas, com intervalo de..... h para almoço, no Remanso da Aldeia, em Campo Largo - PR, desenvolvendo atividades didático pedagógicas como professor júnior.
- b) O presente termo vigorará por prazo determinado, tendo início em..... e término em....., e início em..... e término em....., ficando as partes dispensadas de qualquer pré-aviso formal, que implique em qualquer espécie de indenização em caso de desinteresse na continuidade da relação advinda do presente Termo, bastando para tanto, a manifestação desta vontade, por escrito, o que poderá ser feito a qualquer tempo, mesmo antes do termo estipulado a partir do que, cessará a prestação do serviço voluntário.
- c) Em reuniões pertinentes ao Curso de Capacitação de Lideranças Comunitárias, acontecidas durante o período.

CLÁUSULA QUARTA: O prestador de serviços, abaixo assinado, declara que:

- a) Dentro das condições acima estipuladas possui disponibilidade de tempo e capacidade física e emocional para o desempenho das atividades as quais ora se compromete;
- b) Está ciente de que os serviços acima descritos serão prestados de forma voluntária, sem percepção de remuneração, bem como da inexistência de vínculo empregatício, nem obrigação de natureza trabalhista, previdenciária ou afim;
- c) Está ciente de que o ressarcimento de eventuais despesas realizadas em razão do desempenho das atividades, somente será feito se as mesmas forem expressamente autorizadas por escrito, pela Entidade beneficiária dos serviços, nos limites desta autorização e mediante prestação de contas;

- d) Na hipótese do desempenho das atividades ora compromissadas virem a acarretar danos a terceiros, se decorrentes de dolo ou culpa, manifesta ciência de que poderá ficar sujeito a arcar com os conseqüentes prejuízos.

E, por estarem justas e certas, assinam o presente em 2 (duas) vias de igual teor e forma, na presença das testemunhas a seguir:

Curitiba,de de 2002.

ASSOCIAÇÃO FRANCISCANA DE ENSINO SENHOR BOM JESUS

TESTEMUNHAS:

Nome:

R.G.:

Nome:

R.G.: